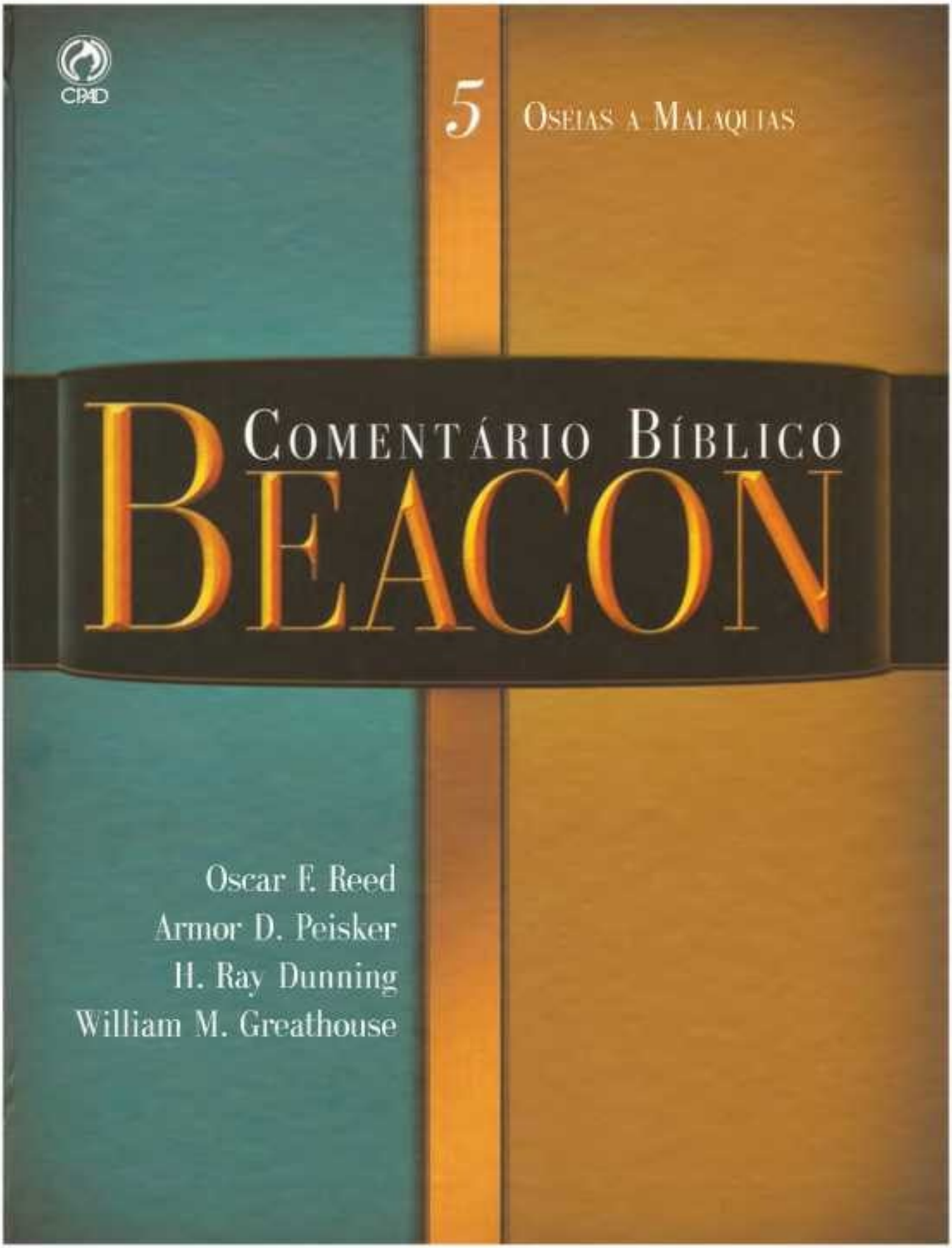
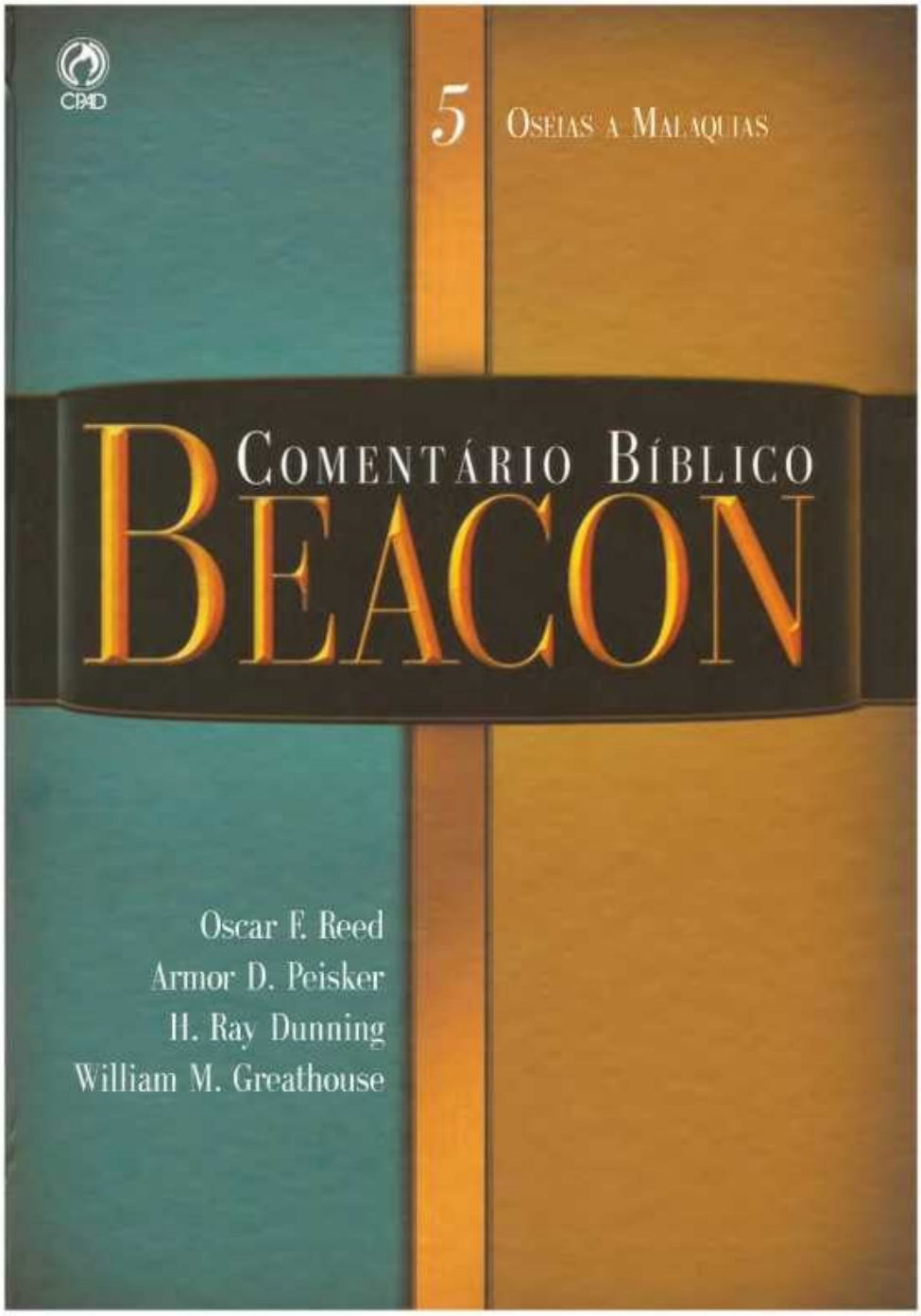

CPAD
5
Oseias a Malaquias
Comentário Bíblico
Beacon
Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse


CPAD
5
Oseias a Malaquias
Comentário Bíblico
BEACON
Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

1. MALAQUIAS
2. ONDE ESTÁ O DEUS DO JUÍZO?
3. CONCLUSÃO
4. Autores deste volume
5. COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Comentário Bíblico

EACON

OsÉIAS A MALAQUIAS

5



CB4D

0 Livro de

MALAQUIAS

William M. Greathouse

Introdução

A. O Profeta

Sob o aspecto histórico, nada sabemos sobre a vida do profeta Malaquias. Tudo o que entendemos é o que deduzimos de suas declarações. Não há como ter certeza de que Malaquias, que significa "meu mensageiro",[1] é o nome do profeta ou apenas seu título. Josefo,

que menciona Ageu e Zacarias, não faz referência a este nome. O Targum[2] parafraseia 1.1 assim: "Como pela mão do meu mensageiro, cujo nome se chama Esdras, o escriba".[3] A Septuaginta[4] também traduz "meu mensageiro", mas intitula o livro "Malaquias". Archer observa: "Todos os outros livros proféticos do Antigo Testamento trazem o nome do autor. Seria estranho se unicamente este fosse anônimo".[5] Visto que a questão permanece sem solução, nos referimos ao profeta como Malaquias.

Embora não tenhamos certeza quanto ao nome do profeta, não temos dificuldade em formar uma concepção clara e precisa sobre a personalidade de Malaquias. O pequeno livro de sua autoria apresenta um pregador impetuoso e vigoroso que buscava sinceridade na adoração e santidade de vida. Possuía intenso amor por Israel e pelos serviços do Templo. E verdade que deu mais destaque à adoração do que à espiritualidade. Contudo, "para ele o ritual não era um fim em si mesmo, mas uma expressão da fé do povo no Senhor".[6]

B. A Situação

Os judeus tinham voltado do cativeiro extremamente esperançosos. Ao interpretar que as bonitas promessas de Ezequiel e Zacarias tinham um cumprimento imediato, muitos devotos criam que a era messiânica estava bem perto. A expectativa era que a nação encontrava-se a ponto de recuperar a glória perdida do reino de Davi. O solo ficaria milagrosamente fértil e as cidades, populosas. Logo surgiría o rei ideal, e todas as nações iriam a Jerusalém para servir ao Senhor.

Mas, com a passagem dos anos, a desilusão se instalou. A prosperidade e bênção esperadas não se materializaram. A vida era dura. As colheitas eram fracas, os parasitas acabavam com as plantas e os frutos eram insatisfatórios. Visto que estas condições persistiram ano após ano, e os sonhos maravilhosos dos velhos tempos não se concretizaram, um espírito de pesada depressão se alojou na comunidade. Os sacerdotes relaxaram no desempenho dos deveres e negligenciaram a instrução religiosa concernente ao cargo. Os judeus

passaram a reclamar que Deus não os amava ou não se importava com eles. Um espírito de cinismo se espalhou pela população e, até os que permaneceram fiéis a Deus, começaram a perguntar: "Por quê?" Muitos retiveram os dízimos e ofertas. A injustiça social tomou-se comum. O casamento com os pagãos vizinhos era praticado livremente. O divórcio virou a ordem do dia enquanto o povo se esqueceu do concerto com Deus. Todo o mundo estava disposto a questionar a autoridade e os caminhos do Senhor.

Este é o pano de fundo no qual devemos estudar as profecias de Malaquias. Era uma situação que exigia um profeta destemido, um homem de Deus para enfrentar a situação difícil e crítica. Seu livro podería ter o subtítulo "uma mensagem para tempos de desânimo".[7] E, portanto, pertinente aos nossos dias e a todo período de depressão espiritual.

C. A Data

As condições descritas acima apontam para o período imediatamente precedente ao ministério de Esdras e Neemias. Os abusos são precisamente os descritos neste primeiro livro[8] e os que ocupavam a atenção do segundo.[9] Esdras voltou da Babilônia em 458-457 a.C. Neemias tomou-se governador em 444 a.C. e sua segunda administração começou em 433 a.C. Foi durante seu segundo governo que ele tratou do problema de casamentos mistos, mas seria muito duvidoso determinar a localização de Malaquias entre estas duas administrações. Ao considerar que o profeta não faz referência a Neemias, as profecias têm de ser datadas poucos anos antes do início do primeiro período em que este judeu foi governador. Uma data entre 460 e 450 a.C. é geralmente aceita.

D. O Livro

O livro de Malaquias traz evidências de ter sido "elaborado para tomar a verdadeira forma de disciplina de debate público".[10] Difere grandemente dos outros escritos bíblicos. Este profeta não apresenta seus sermões ou os endereça de modo formal como fazem os outros mensageiros, mas se lança em argumentação com os ouvintes. O

diálogo de pergunta e resposta reflete a situação vigente, na qual Malaquias se encontrava, e os freqüentes conflitos verbais em que se envolvia com seus contemporâneos. Nestas perguntas e respostas o vemos defender publicamente a honra e a justiça de Deus contra os ataques dos oponentes céticos. O exímio argumentador toma cada objeção e a responde antes de passar para a seguinte. *"Ao* longo de todo o diálogo, descreve o amor divino, revela a incredulidade e ingratidão do povo, exige arrependimento genuíno, responde aos céticos, desafia a irreligiosidade em vigor e faz promessas gloriosas aos fiéis".[11] Já não era possível um profeta de Deus obter atenção do povo apenas com a afirmação: "Assim diz o Senhor". Eram tempos de racionalismo e até os judeus exigiam um argumento lógico e racional. Queriam que as afirmações fossem justificadas e as objeções satisfeitas.[12]

Ao empregar o artificio do diálogo, Malaquias condenou os pecados dos israelitas e os chamou ao arrependimento. Porém, a salvação última não estaria neste ato, mas na ação de Deus. O grande dia do Senhor amanhecería e nele Deus purificaria os justos e aniquilaria os ímpios. Esse momento seria anunciado pela vinda de Elias.[13]

Com o profeta Malaquias, cessam as profecias do Antigo Testamento até a vinda de João Batista. No entanto, nos versículos finais do livro temos uma mensagem esplendorosa acerca da nova era de Deus. "Malaquias é como o fim da tarde que encerra um dia longo, entretanto, é, ao mesmo tempo, o crepúsculo da manhã que traz em seu cerne um dia cheio de glória".[14]

Esboço

I. Título, 1.1

II. O Amor de Deus por Israel, 1.2-5

III. Os Pecados do Sacerdócio, 1.6—2.9

A. AAcusação de Deus, 1.6-14

B. O Julgamento de Deus, 2.1-9

IV. Divórcio e Casamento com Estrangeiras, 2.10-16

A. Casamento com Mulheres Pagãs, 2.10-12

B. Divórcio de Esposas Judias, 2.13-16

V. Onde está o Deus do Juízo?, 2.17—3.5

A. A Reclamação do Povo, 2.17

B. A Resposta do Senhor, 3.1-5

VI. Dízimo, o Caminho da Bênção, 3.6-12

A. AAcusação, 3.6-9

B. O Desafio, 3.10abcd

C. A Promessa, 3.10e-12

VII. O Triunfo Final dos Justos, 3.13—4.3

A. O Ceticismo, 3.13-15

B. As Pessoas que Crêem em Deus, 3.16-18

C. O Dia das Respostas, 4.1-3

VIII. Conclusão, 4.4-6

TÍTULO

Malaquias 1.1

Malaquias descreve sua mensagem como **peso da palavra do SENHOR contra Israel** (1). 0 termo **peso** é derivado de uma palavra hebraica que significa "erguer" *(Le.,* a voz). Por extensão natural, passou a referir-se às palavras que a voz proferia, à

mensagem do orador ou ao oráculo do profeta. A última acepção pode ser adequadamente chamada **peso,** visto que é literalmente "aquilo que é erguido".[1] Jerônimo comenta: "A palavra do Senhor é pesada, porque é chamada peso; contudo possui certa consolação, já que não é 'contra', mas *para Israel*"[2] (cf. BV; ECA; NTLH).

Quanto ao significado de **pelo ministério de Malaquias,** ver Introdução, "O Profeta".

0 AMOR DE DEUS POR ISRAEL

Malaquias 1.2-5

O oráculo começa quase abruptamente com uma palavra carinhosa e queixosa do Senhor para Israel: **Eu vos amei** (2). Este é o verdadeiro peso da profecia de Malaquias; tudo o mais deve ser visto sob a luz desta alegação fundamental.[1] Mas os israelitas são céticos: **Em que nos amaste?** Não vêem prova do amor de Deus. Por serem muito pobres e sofrerem demais, consideravam-se povo desanimado e desiludido. O pensamento está nublado pela dúvida. Tudo o que o profeta diz é desafiado: **Mas vós dizeis.** [2] Malaquias tem de argumentar suas afirmações com uma gente que, no mínimo, é crítica e, em parte, hostil. O profeta faz uma defesa do amor de Deus que rememora Deuteronômio 7.8 (cf. Os 11.1). A assertiva declara que o Senhor escolheu **Jacó,** porque o amara.

A prova do amor de Deus por Jacó revela-se na rejeição divina de **Esaú** (3). Nesta profecia, os filhos de Isaque são as nações de **Edom** (4) e **Israel** (5). O amor de Deus por Israel comprova-se no fato de ter castigado Edom. Esta nação não só deixara de ajudar Jerusalém quando a cidade fora sitiada pelos babilônios em 586 a.C., mas se alegrara com a sua queda (Lm 4.21,22; SI 137.7). Por conta disso, durante o período do pós-exílio, Edom tornou-se símbolo vivo de crueldade e traição, pronto para a destruição (Ez 25.12; Ob 21). Quando os árabes nabateus expulsaram os edomitas do antigo território que detinham no monte Seir, o fato foi considerado ato de vingança divina, por se conduzirem de forma desumana e indigna de

irmão (3). Não sabemos a data deste acontecimento. Pelo visto, era bastante recente na época da escrita, pois ainda estava nítida na memória dos judeus.

Os edomitas viam a calamidade que lhes ocorrera como mero revés temporário e esperavam restabelecer-se no território original. Mas Malaquias declara que a ruína deles é permanente: **Eles edificarão, e eu destruirei, e lhes chamarão Termo-de-Impiedade e Povo-Contra-Quem-O-SENHOR-Está-Irado-Para-Sempre** (4). O profeta afirma que o fato de não voltarem ao território será prova incontestável para as gerações futuras da maldade de Edom e do julgamento de Deus. Edom foi chamado Ter-**mo-de-Impiedade** ("A Terra Criminosa", Moffatt). Por outro lado, proporcionará a Israel evidência indisputável do cuidado soberano de Deus. Provará, também, que o Senhor não é uma deidade nacional insignificante; permitirá que Israel diga: "Grande é o SENHOR, até mesmo além das fronteiras de Israel!" (5, NVI). "A profecia de Malaquias revelou-se correta", destaca Dentan, "pois Edom nunca mais voltou às suas terras. Os edomitas (idumeus) permaneceram instalados no sul da Palestina. [...] Por curiosa ironia da história foi deste mesmo povo que veio a família de Herodes".[3]

Seção III

OS PECADOS DO SACERDÓCIO

Malaquias 1.6—2.9

Do amor de Deus por Israel, o profeta passa para a afronta da nação e chega à majestade divina. O indiciamento é especificamente contra a corporação sacerdotal. Os sacerdotes foram ordenados para dar instrução e orientação espiritual (2.6,7). Tivessem eles vivido à altura da chamada sublime e dado ao laicato exemplo espiritual e ensino apropriado, a nação não teria entrado na apatia e ceticismo espiritual. Por terem fracassado e estabelecido exemplo vicioso de hipocrisia e profissionalismo vazio, os sacerdotes tornaram Deus rejeitado aos olhos do povo e fizeram a si mesmos desprezíveis (2.8,9).

Esta seção alongada divide-se em duas partes. Em primeiro lugar, Deus acusa um sacerdócio desleixado (1.6-14) e, em seguida, pronuncia uma maldição sobre seus integrantes (2.1-9).

A. **AAcusação de Deus,** 1.6-14

1. *O Caráter de Deus* (1.6a-6e)

O profeta inicia fazendo uma declaração de princípio geral no qual havia acordo comum. Para isso, emprega duas imagens características da relação de Deus com Israel: sua paternidade e seu senhorio. **O filho honrará o pai, e o servo, ao seu senhor; e, se eu sou Pai, onde está a minha honra? E, se eu sou Senhor, onde está o meu temor? diz o SENHOR dos Exércitos a vós, ó sacerdotes, que desprezais o meu nome (6).**

"Estamos acostumados a associar com a paternidade divina idéias de amor e piedade. O uso da relação para ilustrar, não amor, mas majestade e seu cenário em paralelo com a realeza divina, pode nos soar estranho".[1] Mas para os israelitas isso era muito natural. No mundo semita, a honra vinha antes do amor na prioridade dos deveres: "Honra a teu pai e a tua mãe", ordena o quinto mandamento. Quando Deus se apresenta aos israelitas como Pai, é para acentuar sua autoridade sobre eles e aumentar-lhes a reverência, e não para garantir que lhe dediquem amor e lhe prestem devoção piedosa. A tônica está em que o Senhor cria a nação para que ela seja seu filho obediente (Ex 4.22,23). A idéia central é que Deus é o Pai da *nação:* seu Criador (2.10; Is 64.8; Jr 31.9), seu Redentor (Dt 32.6; Is 63.16), seu Guia e Guardião (Jr 3.4; Os 11.1-4).

Sem dúvida, a idéia de amor divino está presente nestes conceitos, mas na frente está o pensamento da majestade divina. Até no livro de Salmos, onde há a mais profunda relação pessoal do cristão com Deus, encontramos somente uma passagem na qual seu amor é comparado ao de um pai humano (SI 103.13). Esta tendência ao que poderiamos chamar visão austera da paternidade de Deus pode ter sido necessária para proteger a religião de Israel das idéias sensuais da paternidade divina prevalecentes entre os vizinhos cananeus. Mas

qualquer que seja a razão, a severidade da idéia do Antigo Testamento da paternidade divina autoriza Malaquias a empregar a imagem como prova da majestade e santidade de Deus.[1]

Em seguida, o profeta emprega uma segunda imagem: Deus é o **senhor** e Israel, o **servo.** Paulo torna esta uma das figuras dominantes pela qual descreveu a relação do cristão com Cristo (1 Co 7.22; G15.13; Cl 3.24). O pensamento é de propriedade divina e o direito de Deus exigir obediência absoluta.

A majestade e santidade de Deus foram prejudicadas pelos sacerdotes de Israel. **E, se eu sou Pai, onde está a minha honra? E, se eu sou Senhor, onde está o meu temor** ("reverência", VBB)? Pensar em Deus como Pai é honrá-lo como Criador, Redentor e Sustentador. Considerá-lo como Senhor é reverenciá-lo e obedecer-lhe como *Yahweh*. "Pelo temor do SENHOR, os homens se desviam do mal" (Pv 16.6).

Pelo visto, os sacerdotes anunciavam: "Sem defeito!" Ao considerar que o sacrifício é apenas um símbolo, pode ser que racionalizassem que um tipo de oferta era tão boa quanto outra. Mas Deus pergunta (8, Smith-Goodspeed):

E quando trazeis o cego para sacrificar, não tem defeito ?

E quando trazeis o coxo e o doente, não tem defeito?

Não tem defeito? "Ora, apresenta-o ao teu governador!", sugere Malaquias. "Terá ele agrado em ti, e te será favorável?" (8, ECA). Esta alusão a "governador" **(príncipe)** prova que Malaquias escrevia durante o período persa, quando Judá era governado por pessoas nomeadas pelo imperador. A palavra hebraica é a mesma usada para referir-se ao exercício governamental de Zorobabel (Ag 1.1) e de Neemias (Ne 5.14).

W. J. Deane parafraseou o nono versículo: "Agora vão pedir o favor de Deus com esses sacrifícios impuros; intercedam, como é o seu dever, pelo povo. Ele os aceitará? Ele será gracioso com o povo por causa de

vocês?”[3] **Isto veio da vossa mão** é frase desajeitada. Compare com esta tradução plausível do versículo 9b: “Com tal oferta da vossa mão, mostrará ele favor a vós?” (VBB). Melhor que cessassem os sacrifícios do que fizessem ofertas com tal espírito! Veja como Moffatt esclarece a primeira parte do versículo 10: “Será que ninguém fechará as portas do Templo para impedir que vós acendeis fogos inúteis no meu altar?”

3. *Deus é Honrado entre os Gentios* (1.11,12)

O versículo **11** apresenta uma grande declaração e muito debatida: **Mas, desde o nascente do sol até ao poente, será grande entre as nações o meu nome; e, em todo lugar, se oferecerá ao meu nome incenso e uma oblação pura; porque o meu nome será grande entre as nações, diz o SENHOR dos exércitos.** Desde os dias dos pais da Igreja este versículo tem sido interpretado como profecia da era messiânica e da adoração universal da igreja cristã.[2] Deane escreve: “A linha do pensamento é esta: Deus não precisa da adoração dos judeus e de seus sacerdotes incrédulos; o Senhor não precisa de sacrifícios mutilados; a majestade divina será reconhecida pelo mundo inteiro, e toda nação debaixo do céu lhe oferecerá adoração pura”.[3] Esta interpretação requer que a referência ao ritual judaico seja entendida metaforicamente: “A oblação pura é símbolo do sacrifício cristão de louvor e ação de graças; e o profeta, ao colocar-se acima das discriminações judaicas, anuncia que esta oração e sacrifício não estarão mais limitados especificamente a um país preferido, mas serão universais”.[4] Muitos vão mais além e vêem no versículo a profecia sobre a Ceia do Senhor, a “oferta pura” em memória do sacrifício de Cristo, que é oferecido onde quer que o nome de Jesus seja cultuado.

A interpretação acima se baseia no verbo será que ocorre duas vezes no versículo, uma delas em itálico (isto indica que o termo não se encontra no original). A construção hebraica admite o verbo no tempo futuro, mas é naturalmente compreendida pelo tempo presente. Pusey comenta: “Trata-se de um presente vivido, conforme se usa muitas vezes para descrever o futuro. Mas as coisas de que se fala mostram que o verbo está no futuro”. [5] A Septuaginta traduz assim: “O meu

nome *tem sido* e *é* glorificado" (a ARA traz "é" no lugar de "será"). Se não houvesse problema teológico, seria fácil interpretar que o versículo se aplica à cena contemporânea no mundo de Malaquias. W. H. Lowe propôs o problema para o intérprete cristão:

Se considerarmos que as palavras se referem ao presente, surge a insuperável dificuldade de que em nenhum sentido, na época de Malaquias, o nome do Senhor podia ser grande em toda a extensão da terra, ou que sacrifícios puros lhe fossem oferecidos em todo lugar. Nem podemos [...] supor que os ritos pagãos mencionados aqui fossem oferecidos, sem saber, ao único Deus verdadeiro. [...] Somos forçados a aceitar que as palavras são anúncio profético da rejeição futura de Israel e da chamada dos gentios.[2] [3] [4] [5] [6]

Contudo, comentários conservadores adotam o ponto de vista de que Malaquias descreve a situação contemporânea. "Nos dias do profeta, os próprios gentios faziam cultos que eram mais sinceros que os feitos em Jerusalém".[7] Se esta for interpretação possível, Malaquias é um liberal em sua declaração; faz algo semelhante ao que disse Paulo no Areópago: "Esse, pois, que vós honrais não o conhecendo é o que eu vos anuncio" (At 17.23). Sob este ponto de vista, todas as formas de culto pagão são apalpadelas ignorantes em busca do Deus vivo e verdadeiro e, portanto, atestam o grande nome do Senhor. Todos os homens cultuam porque Deus é, e toda religião testifica de Jeová *neste sentido.*

Temos a nítida impressão de que Malaquias afirma que a própria sinceridade de certos cultos pagãos é uma repreensão vergonhosa à hipocrisia infame dos sacerdotes judeus. Se os gentios louvam calorosamente o nome de Deus, os sacerdotes de Jerusalém profanam-no com o desprezo pela **mesa do SENHOR (12).** "Claro que o propósito do profeta não é elogiar os pagãos, mas envergonhar os judeus. Os gentios honram Deus pelo cuidado e munificência, ao passo os judeus desonram-no pela indiferença".[8]

B. O Julgamento de Deus, 2.1-9

No nome do Senhor, o profeta passa a julgar o sacerdócio: **E, agora, ó sacerdotes, este mandamento vos toca a vós (1).** "Como Deus outrora disse: Com a obediência, *eu ordenarei minhas bênçãos sobre vós,* assim agora o Senhor ordenaria [...] uma maldição".

11 **Se o não ouvirdes e se não propuserdes no vosso coração** minhas repreensões para **dar honra ao meu nome,** então eu **enviarei a maldição contra vós (2).** No entanto, como todas as mensagens proféticas de destruição, esta palavra é condicional: "Se continuardes em vossa hipocrisia e indiferença cruel, enviarei minha maldição sobre vós". Está nítido que Deus deseja o arrependimento para que a maldição seja suspensa.

12 **Amaldiçoarei as vossas bênçãos,** diz Deus. Estas **bênçãos** não são as sacerdotais que pronunciavam sobre o povo, mas os benefícios que desfrutavam como ministros do Templo (cf. Nm 18.8-19). Deus retirará estes benefícios. A parte final do versículo dá a entender que a maldição já se manifestara e começara a se instalar neles a partir do momento que passaram a menosprezar o nome do Senhor.

O versículo 3 mostra a natureza da maldição: **Corromperei** ("repreenderei", NVI, nota de rodapé) **a semente,** ou "a vossa descendência" (VBB), **e espalharei esterco sobre o vosso rosto, o esterco das vossas festas** ou "das vossas ofertas" (RSV). Aqui, "esterco" não significa o excremento dos animais, mas o conteúdo dos intestinos das vítimas mortas. Pelo visto, a última frase: **E com ele sereis tirados,** significa que os sacerdotes serão retirados da cidade junto com o esterco dos sacrifícios (cf. Lv 4.12). Assim, os sacerdotes ficarão totalmente degradados. Como Deus disse a Eli: "Aos que me honram honrarei, porém os que me desprezam serão envilecidos" (1 Sm 2.30).

A execução da maldição de Deus sobre os sacerdotes tinha um propósito duplo: servir de prova da justiça divina e de aviso a quem se atrevesse a desprezá-lo (4). Pusey observa: "Deus quis punir aqueles que então se rebelaram contra o Senhor para que pudesse poupar os que os substituiríam".[13] Age assim porque é o Deus do concerto (cf. Dt 7.9-11).

O **concerto** de Deus **com Levi** (4) não é mencionado explicitamente no Antigo Testamento. Neste texto, a idéia do pacto não é

necessariamente técnica, e a passagem de Deuteronômio 33.8-11 está nitidamente por trás desta afirmação de Malaquias. O concerto de Deus tinha o propósito de ser bênção para Levi e seus descendentes, como indica o versículo 5: "Meu concerto com ele foi concerto de vida e paz, e eu lhe dei ambas para que me reverenciasse; e me reverenciou e considerou o meu nome com respeito" (VBB). Ao longo desta subdivisão, devemos entender que **Levi** é personificação da ordem sacerdotal e não pensar no patriarca hebreu. Este uso é característico do Antigo Testamento. O que Malaquias quer dizer é que o sacerdócio cumpriu seu ministério original com sinceridade e fidelidade.

Os versículos 6 e 7 descrevem a natureza do verdadeiro serviço sacerdotal em linguagem magistral. Ao mantermos em mente que Levi personifica o sacerdócio ideal, lemos: **A lei da verdade esteve na sua boca, e a iniqüidade não se achou nos seus lábios; andou comigo em paz e em retidão e apartou a muitos da iniqüidade (6).** O sacerdote em Israel era mais que um perito no sacrifício ritual; seu dever era dar instrução sobre a **lei** (*torah*) **da verdade.** Ele tinha de ser homem de **paz** e **retidão** (probidade), cujo ensino converteria muitos do pecado. "Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução [a lei, VBB]" (7, ARA). Que ideal supremo! G. A. Smith exclama: "Em toda a gama de profecias não há declaração que esteja mais em harmonia com o ideal profético. [•••] Todo sacerdote de Deus é um sacerdote da verdade".[14] E assim porque o sacerdote é o **anjo** ("mensageiro", ARA) **do SENHOR dos exércitos.** A palavra hebraica traduzida aqui por **anjo** é a palavra aplicada ao próprio profeta **(1.1, Malaquias)** e à personagem que prenunciaria o dia do Senhor **(3.1, anjo).** Ao longo do Antigo Testamento esta palavra hebraica é comumente traduzida por "anjo".

Como é patético verificar que os sacerdotes do tempo de Malaquias ficaram abaixo do padrão divino! Em vez de andarem humildemente com o Senhor, desviaram-se **do caminho** (8). Em lugar de converterem o pecador da sua maldade, com seus maus procedimentos fizeram com que **muitos** tropeçassem **na lei.** Como os mestres religiosos nos dias de Jesus, eram apenas líderes cegos (Mt **15.14).**

Por meio disso corromperam o **concerto de Levi.** Ao considerar que um concerto tem de ser observado por ambas as partes, o concerto que deveria ter trazido bênçãos sobre eles **(5)** fora anulado e Deus os fizera **desprezíveis e indignos diante de todo o povo** (9) que buscava instrução de seus lábios. Afrase final: **Mas fizestes acepção de pessoas na lei,** significa que os sacerdotes tinham sido parciais ao aplicarem a lei nas pessoas da classe alta rica.

Seção IV

DIVÓRCIO E CASAMENTO COM ESTRANGEIRAS

Malaquias 2.10-16

Esta passagem é considerada "a seção mais difícil do livro de Malaquias".[1] Não obstante, o significado geral mostra-se bastante claro. Embora todos fossem filhos de um Pai celestial, os judeus tratavam uns aos outros deslealmente e profanavam o concerto que fora feito com seus pais, ao divorciar-se de esposas judias e contrair casamentos profanos com mulheres pagãs. Por causa desta abominação, Deus resolve destruir os transgressores e sua descendência. Declara que odeia o divórcio e adverte o povo a dar atenção à vida espiritual.

A. **Casamento com Mulheres Pagãs,** 2.10-12

Malaquias faz a acusação repentinamente. Serve-se da forma de pergunta para apresentar um princípio geral o qual passa imediatamente a aplicar: **Não temos nós todos um mesmo Pai? Não nos criou um mesmo Deus? (10).** Embora Calvino e outros tenham sugerido que **um mesmo pai** seja menção a Abraão, o paralelismo do versículo prova que é o **um mesmo Deus** que **criou** os israelitas. "Criou-os não apenas como fez com todo o gênero humano", declara Pusey, "mas pela relação espiritual consigo mesmo, na qual o Senhor os trouxe".[2] Isaías diz: "Mas, agora, assim diz o SENHOR que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome; tu és meu. A todos os que são chamados pelo meu nome, e os que criei para minha glória; eu os

formei, sim, eu os fiz. Esse povo que formei para mim, para que me desse louvor" (Is **43.1,7,21).** Malaquias afirma que quando Deus os criou como povo, deu-lhes uma nova existência, uma nova relação uns com os outros. Pecar uns contra os outros significava violar a relação que tinham com Deus, pois fora o Senhor que, como Pai comum, lhes dera esta unidade. Este versículo é citado freqüentemente como admoestação sublime à humanidade concernente à paternidade de Deus e à fraternidade do homem, mas o contexto limita o significado pleno do conceito à paternidade daqueles que são reunidos por laço comum de redenção como povo do Senhor. A mesma verdade diz respeito à paternidade de Deus no Novo Testamento.

A acusação de Malaqüias de que os ofensores **profanavam o concerto de** seus **pais** (10) comprova que este versículo está relacionado internamente com os versículos 11 e 12, os quais, certos intérpretes,[3] consideram uma interpolação. O casamento com pagãos, prática condenada nos versículos 11 e 12, era "uma ameaça à fé distintiva que constituía a base do concerto de Deus com Israel".[4] A lei advertia: "Não darás tuas filhas a seus filhos e não tomarás suas filhas para teus filhos; pois elas fariam desviar teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses" (Dt 7.3,4). Malaqüias continua: **Judá foi desleal, e abominação se cometeu em Israel e em Jerusalém; porque Judá profanou a santidade do SENHOR, a qual ele ama, e se casou com a filha de deus estranho** (11). A condição se tomava mais agravante pelo fato de serem os sacerdotes os líderes deste pecado (Ed 9.1,2). O profeta chama a situação de **abominação.** O termo é usado predominantemente para referir-se a coisas ou atos que são detestáveis ao Senhor, como idolatria, impureza, irregularidades de rito e violações da lei moral.[6] Malaqüias também a considera profanação da **santidade do SENHOR.** O hebraico permite a tradução "santuário do SENHOR" (ARA), que é apoiada pela proibição de pagãos entrarem nos recintos sagrados do Templo. Porém, a maioria dos comentaristas favorece a tradução **santidade do SENHOR.** O próprio Israel era "santidade para o SENHOR" (Jr 2.3). "O sentido geral é que os judeus menosprezaram a posição privilegiada que Deus lhes designara - a posição de serem 'santos' ou 'separados' (Lv 20.24) para Jeová - e se uniram a mulheres

estrangeiras e (por intermédio delas) aos deuses estrangeiros" (cf. 1 Rs 9.4)".[6]

O SENHOR extirpará das tendas de Jacó o homem que fizer isso, o que vela, e o que responde (12). A última frase é um quebra-cabeça para os exegetas; significa literalmente "o despertado e o despertador". O Peshita[7] e o Targum parafraseiam: "o seu filho e o filho do seu filho". Marcus Dods concorda com quem acha que a frase significa "todos os que estão vivos".[8] O sentido geral é claro: O Senhor exterminará os homens da casa do homem que profanar a santidade do Senhor, casando-se com uma mulher estrangeira. A casa desse homem não terá nenhum homem para exercer o dever de sacrificar (12b).

B. **Divórcio de Esposas Judias,** 2.13-16

Ainda fazeis isto (13) significa, literalmente, "e isto, uma segunda coisa, vós fazeis". Rashi elabora a repreensão do profeta: "Este é o primeiro crime pelo qual eu vos censuro: é bastante ruim que vós vos caseis não com alguém do vosso povo, mas com uma mulher estrangeira; mas é imperdoável que vós já tenhais uma esposa judia e leveis para casa uma mulher estrangeira como esposa principal".[9] Contudo, os versículos seguintes indicam fortemente que nessa época os judeus praticavam a monogamia. O erro era divorciar-se da esposa judia para casar-se com uma mulher pagã mais jovem e mais bonita.

Cobris o altar do SENHOR de lágrimas, de choros e de gemidos refere-se provavelmente a todas as práticas que compõem um dia de jejum e humilhação. Estas práticas desacompanhadas por uma emenda de vida eram repugnantes ao Senhor. *"Yahweh* se recusa a aceitar as ofertas dos judeus por causa dos seus pecados. Por isso, redobram os esforços para propiciá-lo, mas não abandonam os pecados".[10] O verdadeiro choro envolve abandonar todos os caminhos maus. Somente este tipo de lamento é aceitável ao Senhor.

E dizeis: Por quê? (14), ou seja: "Por que o Senhor não aceita as

nossas ofertas?" O profeta responde esta objeção francamente: **Porque o SENHOR foi testemunha entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual tu foste desleal, sendo ela a tua companheira e a mulher do teu concerto.** A menção especial da **mulher da tua mocidade** mostra que as esposas judias idosas eram desconsideradas para que os maridos pudessem se casar com mulheres jovens e belas das nações vizinhas.[11] A frase **mulher do teu concerto** e a referência de Deus ser **testemunha** do concerto indicam a elevada consideração do casamento como pacto sagrado feito na presença de Jeová. Douglas Rawlinson Jones observa: "Malaqüias foi claro em considerar o casamento testemunhado por *Yahweh,* sem dúvida nos votos formais diante do sacerdote, como concerto que não deve ser quebrado. Marido e mulher são 'aqueles a quem o Senhor uniu'".[12] Se ou não os casamentos do Antigo Testamento eram formalizados numa promessa de fidelidade diante do sacerdote, há outras referências que apontam para a verdade de que o casamento é uma relação de concerto à qual o Senhor testemunha (cf. Gn 31.50; Pv 2.16,17). Malaqüias fala graciosamente que a **mulher da tua mocidade** é a **tua companheira** (cf. Gn 2.18-24).

O versículo 15 é um dos mais difíceis da Bíblia. Um exame dos comentários tradicionais revela que praticamente não há acordo quanto ao seu significado. E a opinião deste escritor que esta tradução apresenta provavelmente o sentido correto: "O único Deus não nos fez e sustentou o espírito de vida? E o que o Senhor deseja? Descendência piedosa. Portanto, tende cuidado de vós mesmos e que ninguém seja infiel para com a mulher da sua mocidade" (RSV). Uma versão desse tipo se ajusta ao argumento do profeta. O propósito do casamento hebreu era assegurar "descendência piedosa". As divorciar-se das esposas judias para casar-se com mulheres estrangeiras os pecadores de Judá destruíam o propósito divino do casamento, qual seja, criar filhos que se mantivessem firmes à fé de Israel.

Esta situação levou o profeta a anunciar uma verdade que não é encontrada em outra parte do Antigo Testamento. "'Eu odeio o divórcio', diz o SENHOR, o Deus de Israel" (16, NVI; cf. ECA). Este é

um afastamento do texto hebraico, que diz: “Ele odeia” (cf. ARA; BV; RC). “Embora permitido e regulamentado pela Tbrá (Dt 24.1ss), o divórcio é odioso a Deus”, diz Cashdan. Em seguida, cita o Talmude: “Odioso é aquele que abandona a sua primeira esposa; até o altar derrama lágrimas por causa disso”.[13] A referência a **encobre a violência com a sua veste** está baseada no antigo costume de reivindicar uma mulher como esposa e lança a roupa sobre ela (cf. Dt 22.30; Rt 3.9; Ez 16.8). J. M. Powis Smith oferece outra possível tradução deste versículo, mas não deixa de preservar a idéia central: “‘Pois quem odeia e divorcia’, diz o Senhor Deus de Israel, ‘cobre a roupa com violência.’ [...] Portanto, tende cuidado de vossa vida espiritual e não sejais incrédulos”.[14] Tal homem faz injustiça à esposa que está tão perto dele como sua roupa.

Seção **V**

- ONDE ESTÁ O DEUS DO JUÍZO?
- CONCLUSÃO
- Autores deste volume
- COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

1

O Menosprezo do Nome de Deus (1.6f-10)

Ao fazer este indiciamento, Malaquias acusa os sacerdotes de menosprezar o nome de Deus. Com vozes lamuriantes, levantam a questão: **Em que desprezamos nós o teu nome?** (6). O profeta responde: **Ofereceis sobre o meu altar pão imundo** (7). Este **pão** (*lechem*) não é o da proposição (que não era oferecido no altar), mas a carne das vítimas sacrificadas (cf. Lv 3.11,16; 21.6; 22.25). Este objeto de oferta estava **profanado,** como explica o versículo 8, por não ter sido oferecido de acordo com as estipulações da lei cerimonial. Ao desconsiderar o claro mandamento de Deus, de se levar somente animais sem defeito, eles afirmavam: **A mesa do SENHOR é desprezível.** O tempo do verbo: **dizeis,** aqui, tem o sentido de “dizeis para si mesmos” ou “dizeis pelas ações”. Por **mesa do SENHOR,** querem dizer o altar do sacrifício (cf. BV; NTLH).

O versículo 8 especifica as acusações. Os sacerdotes dedicavam a Deus **animal cego, coxo** e **enfermo.** Tratava-se de acintosa violação da lei, que dizia: “Porém, havendo nele algum defeito, se for coxo, ou cego, ou tiver qualquer defeito, não sacrificarás ao SENHOR, teu Deus” (Dt 15.21). Em sua forma mais pura, sacrificar significava ofertar a Deus algo tão valioso quanto possível como símbolo de autoconsagração voluntária. Quando os sacerdotes ofereciam animais doentes e aleijados, na verdade zombavam da instituição do sacrifício.

2

Maldição na Religião Insincera (1.13,14)

3

Ao menosprezar o altar e cumprir seus deveres sem sinceridade ou fé, os sacerdotes

4

consideravam suas funções um fardo intolerável. **Eis aqui, que canseira!** (13), lamentam-se. **E o lançastes ao desprezo** (ou “e torcestes o nariz” para o altar, VBB). Muitos

5

intérpretes pensam que a leitura deveria ser: “E torcestes o nariz *para mim”.* Esta opção se baseia na suposição de que os escribas corrigiram o versículo para ter a leitura **o,** a fim de evitar o surgimento de irreverência (cf. ARA; NTLH). Quanto a **roubado,** a Versão Bíblica de Berkeley segue a Septuaginta e traduz por “tomado por violência”, ou seja,

6

animais roubados. Este versículo visa primariamente os sacerdotes que, como funcionários corruptos, permitem que esta prática continue. O versículo a seguir condena os que levam tais ofertas.

7

A congregação foi corrompida pelo sacerdócio. Neste caso, era “tal sacerdote, tal povo” (o contrário de Os 4.9). Ao seguirem o exemplo dos sacerdotes, os adoradores eram mesquinhos e fraudulentos. **Pois maldito seja o enganador, que, tendo animal no seu rebanho, promete e oferece ao SENHOR uma coisa vil** (14). Em tempos de doença ou aflição, o indivíduo orava a Deus e prometia um animal perfeito do rebanho. Mas quando se recuperava e chegava a hora de cumprir o voto, a mesquinhez assumia o comando e então resolvia oferecer um animal ferido ou doente (cf. Lv 3.1,6). A maldição de Deus está em semelhante irreverência e falta de firmeza. Revela maior religiosidade ignorar o Senhor completamente do que não levá-lo a sério, porque é o **grande Rei** e o

8

seu **nome será tremendo entre as nações.**

ONDE ESTÁ O DEUS DO JUÍZO?

Malaquias 2.17—3.5

Depois de tratar dos pecados do povo, nesta seção, Malaquias passa a lidar com os que cansam Deus com a queixa de que a transgressão tem êxito. Eles expressam a queixa assim: "Todos os que fazem o mal são bons aos olhos do SENHOR, e Todo-poderoso se agrada deles"; e concluem: "Onde está o Deus da justiça?" (NVI). O fato é que perderam a fé no Senhor. Por isso, o Todo-poderoso enviará o seu anjo ou mensageiro para preparar o futuro dia do julgamento. Naquele dia, a ordem sacerdotal será purificada e os pecadores de todo tipo serão totalmente expostos e condenados. Porque o Senhor é inalteravelmente antagônico ao pecado, e os pecadores de Judá têm de perecer. Não há como determinar se esta parte vai até o versículo 5 ou 6, pois o versículo 6 combina bem com esta seção ou a seguinte. Seguiremos a Versão Bíblica de Berkeley e Moffatt, encerrando-a com o versículo 5.

A. A **Reclamação do Povo,** 2.17

Enfadais ao SENHOR com vossas palavras (17), acusa o profeta. Esta idéia não é nova. Em Isaías, o Senhor reclama: "As vossas festas da lua nova, e as vossas solenida-des aborrecem a minha alma; já me são pesadas; já estou cansado de as sofrer" (Is 1.14). E novamente: "E me cansaste com as tuas maldades" (Is 43.24). Da mesma maneira, Paulo diz: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus" (Ef 4.30). **E ainda dizeis: Em que o enfadamos? O** profeta responde: **Nisto, que dizeis: Qualquer que faz o mal passa por bom aos olhos do SENHOR, e desses é que ele se agrada; ou onde está o Deus do juízo?** (17). Jerônimo comenta com propriedade:

Quando os judeus voltaram da Babilônia, viram que todas as nações e até os próprios babilônios serviam aos ídolos e tinham muitas riquezas, excelente saúde física e tudo que é considerado bom neste mundo; ao passo que eles, possuidores do conhecimento de Deus, eram vencidos pelo desejo, fome e servidão. Escandalizados, diziam: "Não há orientação divina nos assuntos humanos; todas as

coisas acontecem por mero acaso e não são governadas pelo julgamento de Deus; não somente isto, mas até as coisas más o agradam e as coisas boas o desagradam; ou se Deus faz mesmo distinção entre todas as coisas, onde está seu julgamento eqüitativo e justo?"[1]

B. A Resposta do Senhor, 3.1-5

A última pergunta: "Onde está o Deus do juízo?", dá o impulso para um pronunciamento divino: **Eis que eu envio o meu anjo, que preparará o caminho diante de mim; e, de repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o anjo do concerto, a quem vós desejais; eis que vem, diz o SENHOR dos Exércitos (1).** "Por mais que a situação esteja ruim, em breve Deus virá para corrigir as injustiças".[1]

Dois eventos são preditos aqui: 1) Avinda do mensageiro do Senhor **que preparará o caminho** para Deus; 2) A vinda do próprio Senhor, chamado particularmente **o anjo** (mensageiro) **do concerto.**

1. A *Vinda do Precursor* (3.1a)

O pensamento aqui é o exarado em Isaías 40.3-5; 52.7; 57.14. O segundo Evangelho cita a primeira destas profecias de Isaías junto com esta passagem sob estudo, para afirmar que João Batista as cumpriu (Mc 1.2,3).

Douglas Rawlinson Jones deu a interpretação cristã desta profecia: "O ensino aqui é que, embora os sacerdotes contemporâneos sejam bajuladores, o Senhor enviará um verdadeiro mensageiro que preparará sua vinda para julgar. Logo entendemos que este personagem era um profeta, um autêntico Elias (4.5). Assim que verificamos que Jesus visitou punitivamente o Templo, então, sob todos os aspectos, reconhecemos que João Batista é aquele que cumpriu a promessa do arauto".[2] que é, que veio a nós como Jesus de Nazaré. "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer" (Jo 1.18). Este, em quem cremos, é a pessoa que Malaquias anuncia.

O anjo ("mensageiro", ECA) **do concerto.**[5] J. M. Powis Smith observa: "Este 'anjo' dificilmente pode ser idêntico ao precursor, a saber, 'o meu anjo', mencionado no começo [do] versículo. Aqui, sua vinda é apresentada simultaneamente à manifestação de 'o Senhor', que só pode ser o próprio *Yahweh,* e a profecia anuncia explicitamente que a vinda de 'o meu anjo' precede a revelação de *Yahweh".* T. T. Perowne fez uma análise definitiva sobre este título de nosso Senhor.

A idéia de o *anjo* que permeia esta profecia atinge o ponto culminante no Messias (como ocorre com as idéias do profeta, do sacerdote e do rei no Antigo Testamento), pois, no mais alto sentido, ele é o Anjo de Deus para os homens. O Anjo, ou Mensageiro, cuja presença desde o início foi reconhecida na Igreja (At 7.38; Ex 23.20,21; Is 63.9), acabou com estes "prelúdios da encarnação" quando "se fez carne e habitou entre nós". Em cumprimento de promessa e profecia (Is 42.6, 55.3), como Mensageiro e Mediador (Hb 12.24) do concerto (feito antes da lei, G1 3.17, embora fosse, em virtude de sua posterior instauração, "um concerto novo", Jr 31.31-34; Hb 8.7-13), o Senhor veio para inaugurá-lo e ratificá-lo com seu sangue (Mt 26.28; Hb 13.20). Ao mesmo tempo, defendeu sua afirmação de ser "o Deus do juízo", a quem desejavam, pela obra de justiça perspicaz que executa (2-5).[6]

a) O *Senhor purificará* (3.2-4). Há um objetivo duplo na vinda do Senhor: 1) Purificar o sacerdócio e 2) julgar os pecadores (3.5). Ao apresentar esta verdade, Malaquias dá a impressão de misturar a primeira e a segunda vindas de Cristo. A primeira, também foi ocasião de exame e separação, de acordo com a reação daqueles a quem o Senhor veio, ao recebê-lo ou rejeitá-lo. "Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não vêem vejam e os que vêem sejam cegos" (Jo 9.39). Lemos ainda no quarto Evangelho: "Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado" (Jo 3.18). Todo indivíduo está em estado de graça ou fora dela, sob o favor de Deus ou debaixo de sua ira, e "cada um será depurado com fogo" (Mc 9.49), de modo idêntico o fogo do batismo com o Espírito Santo ou a labareda da geena. Por isso, lemos aqui: **Mas quem suportará o dia da sua vinda? E quem subsistirá, quando ele aparecer? Porque ele será como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros (2).**

João Batista reproduziu Malaquias quando declarou: "Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. Em sua mão tem a pá, e limpará a sua eira, e recolherá no celeiro o seu trigo, e queimará a

palha com fogo que nunca se apagará" (Mt 3.11,12). "O poder do fogo, sabemos, é duplo", comentou João Calvino, "pois queima e purifica; queima o que está corrupto, mas purifica o ouro e a prata, para retirar deles a escória. Não há que duvidar que o profeta queria incluir ambos os aspectos".[7] E necessário considerar que "Deus é um fogo consumidor" (Hb 12.29) que tem de queimar a escória, ou, por sua graça, consome o pecado dentro de nós, ou nos destrói com o pecado no inferno.

Deus também é **como o sabão dos lavandeiros. O** lavandeiro era a pessoa que alvejava tecidos. "Nos evangelhos anglo-saxões, João Batista é chamado 'o lavandeiro'".[8] Esta idéia é paralela à do ourives.

E **assentar-se-á, afinando e purificando a prata; e purificará os filhos de Levi e os afinará como ouro e como prata; então, ao** SENHOR **trarão ofertas em justiça** (3). Depois do derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes, lemos em Atos que "grande parte dos sacerdotes obedecia à fé" (At 6.7). "Mas de modo mais amplo e básico", ressalta Pusey, "como Sião e Jerusalém são títulos para a Igreja, e o Israel que cria era o verdadeiro Israel, assim 'os filhos de Levi' são os verdadeiros levitas, os apóstolos e seus sucessores no sacerdócio cristão".[9] O propósito desta purificação é tornar possível que os israelitas levem ao Senhor **ofertas em justiça.** Pedro declara acerca dos crentes: "Vós também [...] sois edificados [...] sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo" (1 Pe 2.5). O autor de Hebreus diz na mesma linha de pensamento: "Temos um altar. [...] Portanto, ofereçamos sempre, por ele, a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome" (Hb 13.10,15). O sacrifício mais valioso que podemos oferecer ao Senhor somos nós mesmos (Rm 12.1).

Malaquias prossegue: E **a oferta de Judá e de Jerusalém será suave ao** SENHOR, **como nos dias antigos e como nos primeiros anos** (4). Estes **dias antigos**

são os antes da decadência de Israel (cf. Is 1.25-27; Jr 7.21-26; Os 2.15; 11.1).

Nos versículos 1 a 3, temos "Como Malaquias viu o Messias": 1) Aprofecia proclamada, 1 (cumprida em João Batista, Mt 3.1-10; e em Jesus, o Messias, Mt 3.11,12; Jo 1.35,36); 2) A pureza prometida, 2; 3) A purificação feita, 3 (G. B. Williamson).

b) *O Senhor julgará* (3.5). Lemos no versículo 5: "Chegar-me-ei a vós outros para juízo; serei testemunha veloz contra os feiticeiros, e contra os adúlteros, e contra os que juram falsamente, e contra os que defraudam o salário do jomaleiro, e oprimem a viúva e o órfão, e torcem o direito do estrangeiro, e não me temem, diz o SENHOR dos Exércitos" (ARA). Esta é a resposta à pergunta: "Onde está o Deus do juízo?" (2.17). Depois de o Templo estar limpo e a casa de Deus preparada para o Mestre, Deus virá e corrigirá as injustiças que fazem os homens duvidar da bondade divina. Os **feiticeiros** serão julgados por Deus. Este é o único "pecado religioso" condenado. Os outros são transgressões sociais - adultério, falso juramento, injustiça e desumanidade. Como os grandes profetas, Malaquias entende que os pecados contra a ordem social são os delitos com os quais Deus está particularmente preocupado. O profeta destaca especialmente a maldade das pessoas que exploram os fracos e os desamparados, que **defraudam o jomaleiro, e pervertem o direito da viúva, e do órfão, e do estrangeiro** (5). Malaquias estava tão profundamente preocupado com a moralidade das pessoas como estava com a adoração que prestavam.

Seção **VI**

DÍZIMO, O CAMINHO DA BÊNÇÃO

Malaquias 3.6-12

Agora, o profeta passa a lidar com outro obstáculo no caminho do livre derramamento das bênçãos de Deus em Israel. A nação não estivera disposta a pagar o preço do favor divino. As "janelas do céu" se fecharam, porque o povo retivera "os dízimos e as ofertas". Assim que os levasse ao Templo, as "chuvas de bênçãos" cairíam na terra.

Antes de acusarmos Malaquias de espírito legalista, não nos

esqueçamos de que a recusa de Israel em dizimar era "sinal externo de ter se afastado de Deus".[1] A negligência neste ponto era sintoma de incredulidade e desobediência, e o arrependimento não podia ser mostrado de modo mais prático que pelo pagamento dos dízimos.

A. A Acusação, 3.6-9

Malaquias inicia o assunto e faz um contraste entre a constância do Senhor e a inconstância e facilidade do povo em errar: **Eu, o SENHOR, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos** (6). Por um lado, Deus afirma: "Eu sou *Yahweh,* o 'EU SOU O QUE SOU' (Êx 3.14); vós ainda sois 'filhos de Jacó', enganadores e trapaceiros". Por outro lado, afirma: "Eu sou o Deus de amor imutável, **por isso, vós... não sois consumidos".** Martinho Lutero exclamou: "Se eu fosse Deus, partiría o mundo em pedaços!" E porque o Senhor é Deus, não somos destruídos. Pusey parafraseia belamente este versículo: "Deus podia ter rejeitado com justiça a eles e a nós; mas não muda. Ele é fiel ao concerto que fez com os pais deles; não os consumiu; mas com esse seu amor inalterável, esperava arrependimento da parte deles. Nossa esperança não está em nós mesmos, mas em Deus".[2]

No versículo 7, Deus insiste na acusação: **Desde os dias de vossos pais, vos desviastes dos meus estatutos e não os guardastes.** Deus é fiel, mas o povo, como seus pais, é incrédulo. A queixa é que Deus os abandonou, mas o Senhor põe a culpa no lugar certo - neles. Pusey faz a ligação entre os versículos 7 e 6: "Eu não mudo; vós é que não vos converteis do mal. Eu sou de santidade inalterável; vós é que sois de perversidade inalterável".[3] Por **meus estatutos,** Deus quer dizer toda expressão de sua vontade revelada na Torá (os primeiros cinco livros do Antigo Testamento, mas comumente ampliada com o sentido de "a lei" - a revelação de Deus para Israel).

Tornai vós para mim, e eu tornarei para vós, diz o SENHOR dos Exércitos. Os desobedientes e inconstantes têm de voltar ao caminho do qual se desviaram. "A idéia não é meramente tomar certa direção específica, mas voltar pelo mesmo caminho, retroceder os

passos dados".[4] Esta é a idéia que o Antigo Testamento apresenta sobre arrependimento e conversão (cf. Is 55.7). Arrependimento é, basicamente, mudança de atitude e propósito (conceito incluso na palavra grega *metanoia,* utilizada no Novo Testamento), mas tal transformação tem de necessariamente manifestar-se em ação (cf. Mt 3.8: "Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento"). Mas que ação? Como nos exemplos anteriores (1.6; 2.17), as pessoas a quem o profeta se dirigia exigiram que Malaquias fosse mais específico: **Em que havemos de tomar?**

O profeta responde com uma pergunta que já é a resposta: **Roubará o homem a Deus?** (8). O tom é de incredulidade. Será que o homem que é fraco e humano consegue roubar o Criador? **Todavia, vós me roubais.** O verbo hebraico traduzido por **roubais** ocorre somente aqui e em Provérbios 22.23. E possível que o texto original tivesse o verbo "trapacear", visto que há apenas uma pequena diferença entre os dois textos hebraicos. **Em que te roubamos?** O profeta responde: **Nos dízimos e nas ofertas.** Pela lei, 1) o dízimo (décima parte) de todo o produto, bem como dos rebanhos e do gado, pertencia ao Senhor e devia ser-lhe oferecido (Lv 27.30,32); e 2) esta porção era entregue aos levitas pelos serviços que prestavam (Nm 18.21,24). Neemias teve de lidar mais de uma vez com este erro reprovado aqui (cf. Ne 9.38; 10.32-39; 13.10-14).

Com maldição sois amaldiçoados, porque me roubais a mim, vós, toda a nação (9). A palavra hebraica traduzida por **nação** *igoy)* significa normalmente nação *pagã.* Não há meio de traduzir adequadamente a palavra, mas Barnes sugere: "O vós totalmente gentios".[5] Os sacerdotes e o povo estão sob acusação. O versículo seguinte mostra que a maldição é colheitas ruins e os conseqüentes sofrimentos.

B. O Desafio, 3.10abcd

O profeta lhes mostra como voltar ao Senhor: **Trazei todos os dízimos à casa do tesouro** (10). Pelo visto, não tinham deixado de dizimar de todo, mas não entregavam tudo. É possível que o povo

como um todo retivesse uma parte, porque julgavam que precisavam mais que os sacerdotes. Mais provavelmente, grande parte do povo deixara de dizimar completamente, ao passo que os fiéis piedosos passavam necessidade para cumprirem com suas obrigações religiosas de modo total.[6] Talvez, este relaxamento fosse motivado e desculpado pela pobreza em que viviam. Mas Malaquias encara como símbolo de afastamento e de um profundo desprezo a Deus. Por isso, o profeta ordena que o povo leve **todos os dízimos à casa do tesouro.** Este lugar era indubitavelmente a grande câmara que rodeava três lados do Templo. Mais ou menos nessa época, Tobias a desviou de seu propósito original, que era servir de depósito dos dízimos e ofertas alçadas do povo, e designou-a ao sumo sacerdote. Mas Neemias a restabeleceu à sua finalidade apropriada (Ne 10.38; 13.5-9,12,13). T. T. Perowne escreveu com competência: "Não é improvável que as 'câmaras', que eram contíguas à altura de três andares nas paredes do Templo de Salomão, tivessem sido projetadas para servir de depósito (1 Rs 6.5,6). Na grande reforma feita por Ezequias, foram 'preparadas', ou construídas ou restauradas, em alguma parte da área do Templo para receber o enorme afluxo de dízimos e ofertas (2 Cr 31.11,12)".[7]

O desígnio de Deus em exigir que o povo levasse todos os dízimos ao depósito era **para que** houvesse **mantimento na minha casa.** Antes da reforma de Neemias, "os levitas e os cantores [...] tinham fugido cada um para a sua terra", porque "o quinhão dos levitas se lhes não dava". Com a insistência de Neemias, ajudado talvez pelas determinações de Malaquias, "os dízimos do grão, e do mosto, e do azeite" foram levados "aos celeiros" (Ne 13.10-12). "Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho [de Cristo], que vivam do evangelho" (1 Co 9.14). Embora por razões particulares Paulo não tenha exercido este privilégio, considerou-o tão inteiramente justificado quanto a prática vigente no Antigo Testamento (1 Co 9.9-14). Se o dízimo era a porcentagem de doação para os judeus sob o antigo concerto, os crentes do Novo Testamento darão menos? (cf. Hb 7.8). A Igreja de Jesus Cristo não achou melhor meio de prover suas necessidades senão pela reverberação do comando de Malaquias. A congregação que dizima é uma comunidade

apta a enfrentar toda situação, boa ou ruim, que surgir. O cristão que não dizima tem grande dificuldade em defender sua mesquinhez. Será que consegue fugir da acusação de que seu relaxo também é sinal de seu desprezo a Deus?

C. A Promessa, 3.10e-12

Deus anexa uma promessa gloriosa à sua ordem de dizimar: **E depois fazei prova de mim, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abas-tança** (10). Esta é, literalmente, uma promessa de chuva (cf. Gn 7.11; 8.2; 2 Rs 7.2,19). A frase sugere que os judeus passavam por seca e colheitas ruins. Mesmo assim, o sinal de chuva era símbolo de bênçãos (ver Zc 10.1; 14.17). **Que dela vos advenha a maior abastança** é mais habilmente traduzido por "uma bênção mais do que suficiente" (VBB; cf. ARA). E **repreenderei o devorador,** ou seja, "o gafanhoto *ou* a seca *ou* o crestamento *ou* o mofo *ou* o granizo, o que quer que naquele tempo fosse o devorador".[8] A promessa continua: **Para que não vos consuma o fi*uto da terra; e a vide no campo não vos será estéril, diz o SENHOR dos exércitos** (11).

"Como em Ageu e Zacarias e, na verdade, no Antigo Testamento em geral (Ag 2.19; Zc 8.9-13), a idéia de bênçãos não é um estado nobre e espiritual, mas uma perfeição e saúde da vida social total, cujo sinal é a fertilidade. Na terra que é abençoada, tudo e todos são férteis para cumprir a função pela qual foram criados".[9] O profeta prevê que **todas as nações vos chamarão bem-aventurados; porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o SENHOR dos exércitos** (12). "Quando as nações circunvizinhas virem a prosperidade que virá depois da liberalidade do povo para com Deus, elas concluirão acertadamente que foi a ação do Senhor que abençoou o povo".[10]

É lógico que temos de acrescentar uma nota aos versículos 10 a 12. A prosperidade material e a saúde física não acompanham invariavelmente a fidelidade a Deus. Mas a saúde e a prosperidade espirituais sim. Quando chega a adversidade, o cristão cujos dízimos

estão todos pagos acha-se em posição de orar e ser ouvido. No Novo Testamento temos uma fórmula superior à de Malaquias. O ancião João escreveu a um cristão chamado Gaio: "Amado, desejo que te vá bem em todas as coisas e que tenhas saúde, assim como bem vai a tua alma" (3 Jo 2). As maiores riquezas da fé acham-se em passagens como Romanos 8.28-39, que nos asseguram que Deus trabalha em cada detalhe da vida daquele que o ama e que nada no universo criado pode separar tal indivíduo do amor do Pai que está em Cristo Jesus.

Esta exposição dos versículos 6 a 12 segue o esboço desta seção que tem o título: "Dízimo, o caminho da bênção": 1) A acusação, 6-9; 2) O desafio, lOabcd; 3) A promessa, 10e-12.

Outra análise que sugerimos traz o título: "A chamada de Deus para dizimar": 1) O reconhecimento da propriedade de Deus, 8; 2) O critério da mordomia cristã total, 9; 3) A expressão da adoração sincera, 10; 4) A confissão de fé na promessa de Deus, 10b; e em sua providência, 11,12 (G. B. Williamson).

Seção **VII**

0 TRIUNFO FINAL DOS JUSTOS

Malaquias 3.13—4.3

Anteriormente, o profeta fizera uma análise perspicaz sobre as pessoas que não fizeram distinção entre o bem e o mal (2.17). Nesta seção, Malaquias volta ao mesmo tema. Antes, disse: "Vocês têm cansado o SENHOR com as suas palavras. [...] Quando afirmam: 'Todos os que fazem o mal são bons aos olhos do SENHOR, e Deus se agrada deles'" (NVI). Agora, repete o assunto e estabelece mais detalhes.

A. O Ceticismo, 3.13-15

As vossas palavras foram agressivas para mim, diz o SENHOR (13). A atitude dos judeus fora de ceticismo crescente. Agora, a crítica

que fazem é vocal. Afirmam: **Que temos falado contra ti?** Esta não é uma pergunta de boa-fé. Implica em negação da acusação de Malaquias e desafia-o a apresentar mais provas (cf. **1.2,6; 2.14; 3.7,8). Falado** significa falar em conjunto. "Quando foi que falamos assim entre nós?", é o sentido. Pelo visto, tinham o hábito de conversar e comparar as promessas de Deus com o estado miserável em que estavam. Mesmo assim, confessaram que não sabiam em que tinham criticado Deus.

O profeta apresenta a acusação: **Vós dizeis: Inútil é servir a Deus; que nos aproveitou termos cuidado em guardar os seus preceitos e em andar de luto diante do SENHOR dos Exércitos?** (14). Ao lembrar que os pagãos orgulhosos e prósperos da Babilônia e reparar que as nações ao redor tinham abundância de todas as coisas, ao passo que sofriam na pobreza e na miséria, diziam: "Em que nos beneficia adorarmos o único Deus verdadeiro, detestarmos os ídolos e, atormentados pela consciência de pecados, andarmos penitentemente diante de Deus?"

Quem são estes céticos e críticos? Na ótica de Perowne, essas palavras são "a blasfêmia franca de quem 'se assenta na roda dos escarnecedores'".[1] Mas segundo J. M. Powis Smith, são palavras de "seguidores de *Yahweh* que perdem a fé e correm o risco de se desviar de *Yahweh".*[2] Ao menos exteriormente serviam a Deus e guardavam os **seus preceitos.** A tendência a considerar a mera observância externa como a verdadeira religião tem laivos do farisaísmo que vigorava nos dias do Novo Testamento. A frase **andar de luto** traz a mesma conotação. Ainda que não exclua uma dor interna genuína, a frase hebraica alude primariamente às roupas que estas pessoas usavam como sinal de humilhação e contrição. Isto recorda o aviso de Jesus registrado em Mateus 6.16-18.

O versículo 15 resume o caso do povo contra Deus. Jones fez uma tradução livre das bem-aventuranças dessa gente:

Bem-aventurados os arrogantes e irreligiosos;

Bem-aventurados os malfeitores, porque prosperam;

Bem-aventurados os que colocam Deus à prova, porque escapam de todo castigo.[3]

Palavras audazes! Talvez seja este o significado da pergunta que fizeram anteriormente: "Onde está o Deus do juízo?" (2.17). Com amargura, foram coagidos a colocar a maldade nas alturas, ao mesmo tempo em que o próprio Senhor permitia que ela ficasse impune.

B. As **Pessoas que Crêem em Deus,** 3.16-18

Então, aqueles que temem ao SENHOR falam cada um com o seu companheiro (16). Certos intérpretes, ao seguirem a Septuaginta, a Versão Siríaca e o Targum, optam por esta leitura: "Assim (ou tais coisas) falavam uns aos outros os que temiam ao Senhor".[4] Mas a maioria dos intérpretes considera que as pessoas no versículo **16** são outro grupo de judeus. Jones escreve: "Em contraste com os céticos arrogantes estão aqueles que, apesar dos problemas, 'temem ao Senhor'. São estes os que detêm o espírito de reverência e respeito humildes. E possível que 'aqueles que [...] falam cada um com o seu companheiro' se refira à discussão levantada entre os fiéis em virtude da análise franca que o profeta fez da situação. Neste caso, Malaquias lhes dá a garantia divina de que precisam".[5] Se esta for a interpretação correta, da mesma forma que os irreligiosos em Israel conversavam em conjunto **(13,14),** assim faziam os religiosos. Porém, as conversas de ambos os grupos diferiam grandemente. O texto profético não registra o que o remanescente piedoso dizia, embora a declaração **os que se lembram do seu nome** indique o tópico das conversas. Falavam entre si que o Senhor fora bom com eles mesmo em meio aos sofrimentos. Em todo caso, a profecia nos informa que **o SENHOR atenta e ouve; e há um memorial escrito diante dele, para os que temem ao SENHOR.** Aqueles que temem ao Senhor sabem que seus nomes estão registrados indelevelmente na escritura divina. "Trata-se de uma estabilidade que, associada com a fé do Antigo Testamento no Deus vivo, conduz à autêntica crença bíblica na bênção da vida futura"[6]

E eles serão meus, diz o SENHOR dos Exércitos, naquele dia

que farei, serão para mim particular tesouro (17). A palavra hebraica traduzida por **particular tesouro** (*segullah*) é a mesma usada em Êxodo **19.5** ("propriedade peculiar", e é traduzida melhor por "tesouro peculiar"). 0 *segullah* era a parte da propriedade que a pessoa reivindicava para si como seu tesouro especial e particular. "E isto que Israel representa para Deus em relação ao mundo; é o que aqueles que o temem são em relação a Israel".[7] No Novo Testamento, a Igreja é um povo de propriedade exclusiva de Deus **(1** Pe **2.9,10). Poupá-los-ei como um homem poupa a seu filho que o serve.** A palavra *poupar* é digna de nota. Ensina-nos que aqueles que para Deus são um *tesouro peculiar,* não o são por méritos próprios, mas pela grande misericórdia divina. Pusey expressa este pensamento em uma paráfrase ampliada: "Eu os pouparei, embora sejam ex-pecadores; eu os pouparei, pois se arrependeram e me servem com um culto de confissão piedosa, 'como um homem poupa a seu filho que o serve'. Sobre o filho que se recusou a trabalhar no vinhedo do Pai, mas depois se arrependeu e foi, o Senhor disse que 'fez a vontade do pai'".[8] Esta é a doutrina de Malaquias da salvação pela graça.

Então, vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus e o que não o serve (18). No dia do juízo, as pessoas poderão distinguir as ovelhas das cabras, o trigo do joio. A decisão concludente de Deus é a única solução cabal ao problema levantado nesta seção (cf. Dn **12.2;** Mt **25.32-46).**

C. O Dia das Respostas, 4.1-3

Porque eis que aquele dia vem ardendo como forno; todos os soberbos e todos os que cometem impiedade serão como palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o SENHOR dos exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo (1). O **forno** é figura de calor intenso (cf. Os 7.4-7). Ainda hoje na Palestina a palavra é usada para referir-se ao local em que se assa pão. Eles cavam um buraco grande na terra, revestem os lados de emplastro e fazem um fogo bem forte no fundo com galhos finos e espinhos **(palha).** Depois de retirar as cinzas quentes, grudam o pão nos lados emplastrados e num instante o pão fica assado.[9]

Os **soberbos** são todos aqueles a quem os murmuradores dizem que são "bem-aventurados" (3.15), e **todos** os que conseqüentemente deveriam ser como eles. Malaquias insiste na universalidade do julgamento; "todos os arrogantes e todos os malfeitores" (NVI) **serão como palha** (cf. Is 5.24; Ob 18; Sf 1.18). Basear a doutrina da aniquilação final dos ímpios nesta figura é ultrapassar os limites da metáfora, além de contradizer o ensino específico de Jesus (Mt 25.46; Lc 16.23-28; cf. Ap 20.10,14,15). Pusey cita uma antiga autoridade que entendeu o que Malaquias queria realmente dizer: "Os orgulhosos e poderosos, que nesta vida eram fortes como ferro e bronze, de forma que ninguém ousava enfrentá-los, e que se atreviam a lutar contra Deus, estes, no dia do Juízo, serão extremamente fracos, como a palha que não resiste ao fogo, em uma morte de eterna existência".[10]

A declaração adicional que diz que este fogo **lhes não deixará nem raiz nem ramo** significa que não terão esperança de brotar outra vez à vida - a existência que é prometida aos justos. "Porque há esperança para a árvore, que, se for cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus renovos" (Jó 14.7), mas não há esperança para aqueles que estão condenados no dia de Juízo.

Mas para vós que temeis o meu nome, diz Deus, **nascerá o sol da justiça e salvação trará debaixo das suas asas** (2). A esplêndida imagem que Malaquias usa aqui é inigualável no Antigo Testamento, embora seja muito parecida com a idéia vista em Isaías 60.1-5. Os pais da Igreja e os primeiros comentaristas entendiam que Cristo era **o sol da justiça.** Tinham razão na medida em que o profeta anunciava o período da vinda de Jesus. A Versão Bíblica de Berkeley acopla uma nota de rodapé à expressão **o sol da justiça:** "Não há cumprimento desta profecia em qualquer pessoa ou acontecimento de forma tão completa e satisfatória como na vinda de Jesus Cristo, que nos é 'a justiça de Deus'". Moffatt traduz assim: "Mas para vós, meus adoradores, o sol salvador se levantará com cura em seus raios". E **crescereis** ("saltareis", ARA) **como os bezerros do cevadouro.** O quadro é de uma existência feliz e despreocupada. A glória de Deus em Cristo dispersa as trevas do pecado e da tristeza e alegra o povo de Deus. Pusey afirma que o título "o sol da justiça"

pertence às duas vindas de Cristo. “Na primeira, o Messias difundiu os raios da justiça, por meio dos quais justificou e diariamente justifica todo e qualquer pecador que olha para Jesus, ou seja, crê nele e lhe obedece, como o sol dá luz, alegria e vida a todos que se voltam em direção dele”.[11] Depois acrescenta: “Na segunda, a justiça que Cristo deu, Jesus possuirá e exibirá, absolvido de todo juízo errôneo do mundo, diante dos homens e dos anjos”.[12]

Acerca do versículo 3, Jones faz a observação pertinente: “O Antigo Testamento é o registro da preparação paciente e divina do povo de Deus para o Novo Testamento. Temos de esperar atender sentimentos que precisam da correção de nosso Senhor”.[13] Para esta correção, leia Mateus 5.38-48. Como cristãos, temos de ler sempre o Antigo Testamento pelos olhos de Cristo, porque é a revelação progressiva e preparatória que tem seu cumprimento em Jesus (ver Hb 1.1,2).

Em 3.13 a 4.3, identificamos razões para a exortação “mantenha a fé em Deus”: 1) Quando a fé falha, 3.13-15; 2) Como fortalecer a fé, 3.16-18; 3) Aúltima palavra de Deus, 4.1-3 (A. F. Harper).

Seção **VIII**

1

A Vinda do Senhor (3.1b-5)

2

De repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais. Esta profecia nos ensina que o julgamento começa na casa do Senhor (Ez 9.6; 1 Pe 4.17). **O Senhor** não é o nome sagrado *Yahweh,* nem *éAdonai,* a palavra usada pelos judeus para substituir *Yahweh* na leitura.[3] O termo empregado aqui é raro: *ha-Adon* (o equivalente literal de “o Senhor”), que é anteposta ocasionalmente a *Yahweh,* como em Êxodo 23.17; Isaías

3

1.24. No dia de Pentecostes, Simão Pedro declarou: “A esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (At 2.36). A confissão cristã mais primitiva era as palavras: “Jesus é o Senhor” (cf. 1 Co 12.3; Fp 2.11). A crença cristã afirma que Jesus é Deus, não Deus Pai, mas Deus Filho: “Deus estava em Cristo” (2 Co 5.19). Jesus Cristo não era mero homem entre os homens, nem era um anjo mascarado de homem, nem era uma divindade secundária criada na eternidade, mas era o Deus Todo-poderoso, o único Deus

CONCLUSÃO

Malaquias 4.4-6

Lembrai-vos da Lei de Moisés, meu servo, a qual lhe mandei em Horebe para todo o Israel, a qual são os estatutos e juízos (4). Estas palavras nos lembram o final do livro de Eclesiastes: "De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos" (Ec 12.13).

A nota final do Antigo Testamento é profética: **Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do SENHOR** (5). Em certo sentido, esta profecia dizia respeito a João Batista que iria "adiante dele [do Senhor] *no espírito e virtude* de Elias" (Lc 1.17; grifos meus). E significativo que esta passagem de Lucas na verdade cite o versículo 6. **E converterá o coração dos pais aos filhos.** Esta é uma profecia do trabalho preparatório de João - converter os israelitas para que recebam Cristo. Neste sentido, Jesus poderia dizer de João: "E este o Elias que havia de vir" (Mt 11.14).

Notas

INTRODUÇÃO

3.1, onde a AEA traduz a palavra hebraica por "meu mensageiro" (meu anjo).

[2] Paráfrase aramaica de uma porção do AT.

[3] Citado por Gleason L. Archer Jr., *A Survey ofOld Testament Introduction* (Chicago: Moody Press,

1964), p. 416.

[4] Versão grega do AT.

[5]Loc. *cit.*

[6] J. T. H. Adamson, "Malachi", *The New Bible Commentary,* editado por Francis Davidson *et al.* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1956), p.

764.

[7]Robert C. Dentan, "Malachi" (Exegesis), *The Interpreter's Bible,* editado por George A. Buttrick *et at.,* vol. VI (Nova York e Nashville: Abingdon Press, 1956), p. 764.

[8]Ver Ed 5.3; 9.1,2; 10.17.

[9] Ver Ne 13.1-29.

"Dentan, *op. cit,* p. 1.119.

[u]Kyle M. Yates, *Preaching from the Prophets* (Nova York: Harper & Brothers, 1942), p. 217. "Dentan, *op. cit.,* p. 1.119.

"Adamson, *loc. cit.*

[14] Negelsbach; citado por W. H. Lowe, "Minor Prophets", *LaymarTs Handy Commentary on the Bible,* editado por Charles John Ellicott, vol. III (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1961), p. 105.

SEÇAO I

dentan, *op. cit.,* p. 1.122.

[2] Citado por E. B. Pusey, *The Minor Prophets,* vol. II (Grand Rapids: Baker Book House, 1950), p. 465.

SEÇAO II

[1]G. Campbell Morgan, *An Exposition of the Whole Bible* (Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1959), p. 414.

[2] J. E. McFadyen, "Malachi", *Abingdon Bible Commentary,* editado por David D. Downey (Nova York: Abingdon Press, 1929), p. 833.

[3]Dentan, *op. cit.,* p. 1.124.

SEÇAO III

[1] George Adam Smith, "The Book of the Twelve Prophets", *The Expositor's Bible,*

editado por W. Robertson Nicoll, vol. II (Nova York: George H. Doran Company, s.d.), p. 353.

76., pp. 352-354.

[3] W. J. Deane, "Malachi", *The Pulpit Commentary,* editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Exell, vol. XIV (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1950), p. 3.

[4]Pusey, *op. cit.,* faz um resumo completo sobre este ponto de vista, pp. 471-474.

[6] Deane, *op. cit.,* pp. 3, 4.

[e]'Ib.

[7]Pusey, *op. cit.,* p. 471.

[8]Lowe, *op. cit.,* p. 110.

[9]Adamson, *op. cit.,* p. 766.

"Dentan, *op. cit.,* p. 1.129.

[11] Pusey, *op. cit.,* p. 476.

[12] Cf. a profecia de Jonas contra Nínive, Jn 3.1-4.

[13]Pusey, *op. cit.;*p. 477.

[14]Smith, *op. cit.,* p. 361.

SEÇAO IV

[1]J. M. Powis Smith, "Malachi", *The International Criticai Commentary* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1912), p. 47.

[2]Pusey, *op. cit.,* p. 481.

[3]Raymond Calkins, *The Modem Message ofthe Minor Prophets* (Nova York: Harper &

Brothers,

1947) , p. 131; G. **A. Smith,** ***op. cit,*** **pp. 363, 365.**

[4]Eli Cashdan, "Malachi", ***The Twelve Prophets,*** **editado por A. Cohen (Londres: The Soncino Press,**

1948) , p. 354.

[5] Powis Smith, ***op. cit.,*** **p. 48.**

[6] W. Emery Barnes, "Malachi", ***Cambridge Bible for Schools and Colleges,*** **editado por** F. **S. Marsh**

(Cambridge: The University Press, 1934), p. 122.

[7] A Versão Siríaca.

[8]Marcus Dods, ***The Post-Exilian Prophets*** **(Edimburgo: T. & T. Clark, 1881), p. 143.**

[9]Citado por Cashdan, ***op. cit.,*** **p. 346.**

"Powis Smith, ***op. cit.,*** **p. 51. [u]Dentan,** ***op. cit.,*** **p. 1.135.**

[12] Douglas Rawlinson Jones, "Malachi", ***Torch Bible Commentaries,*** **editado por John Marsh e**

Alan Richardson (Londres: SCM Press, Limited, 1962), p. 196.

[13] Cashdan, ***op. cit.,*** **p. 348.**

[u]The Bible: An American Translation, loc. cit.

SEÇAOV

ditado por Pusey, ***op. cit.,*** **p. 485.**

[2]Dentan, ***op. cit.,*** **p. 1.137.**

[3]Jones, *op. cit.,* p. 199.

[4] O nome "Jeová" é uma palavra mista, nunca usada pelos judeus, composta pelas consoantes de *Yahweh* (YHWH) e as vogais de *Adonai.*

[5]Powis Smith, *op. cit.,* p. 63.

[6]T. T. Perowne, "Haggai, Zechariah and Malachi", *The Cambridge Bible for Schools and Colleges,* editores J. J. S. Perowne e A. F. Kirkpatrick (Cambridge: University Press, 1902), p. 29.

[7] John Calvin, "Minor Prophets", *Calvin's Commentaries,* vol. V (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1950), p. 572.

[8]Adamson, *op. cit.,* p. 767.

[9]Pusey, *op. cit.,* p. 488.

SEÇAO VI

I Jones, *op. cit.,* p. 200.

[2]Pusey, *op. cit.,* p. 491.

[3]Ib.

[4]Dentan, *op. cit.,* p. 1.139.

[5]Barnes, *op. cit,* p. 129.

[6]Powis Smith, *op. cit.,* pp. 70, 71.

[7]Perowne, *op. cit.,* p. 52.

[8]Barnes, *op. cit.,* p. 130.

[9]Jones, *op. cit.,* p. 202.

“Adamson, *op. cit.,* p. 767.

SEÇÃO VII

' Perowne , *op. cit.,* p. 33.

[2]Powis Smith, *op. cit.,* p. 76.

[3]Jones, *op. cit.,* p. 203.

[4] Cf. G. A. Smith, Powis Smith, Dentan.

[5] Jones, *op. cit.,* p. 204.

"76.; cf. Êx 32.32; Ne 13.14; SI 56.8; 69.28; Dn 12.2; Ap 20.12. [7]i5.

[8]Pusey, *op. cit.,* p. 496.

[9]Bames, *op. cit.,* p. 133.

“Pusey, *op. cit.,* p. 496.

II Citação de Lap, conforme citou Pusey, *op. cit.,* p. 497.

[12]Ib.

[13]Jones, *op. cit.,* p. 205.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

Adamson, **J. T. H. “Malachi.” *The New Bible Commentary.* Editado por Francis Davidson *et al.* Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1956.**

Barnes, **W. Emery. “Malachi.” *Cambridge Bible for Schools and Colleges.* Editado por F. S. Marsh. Cambridge: The University Press, 1934.**

Calvin, **John. "Minor Prophets."** ***Calvin's Commentaries.*** **Vol. V. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1950 (reimpressão).**

Cashdan, **Eli. "Zechariah."** ***The Twelve Prophets.*** **Editado por A. Cohen. Londres: The Soncino Press, 1948.**

_. "Malachi." ***The Twelve Prophets.*** **Editado por A. Cohen. Londres: The Soncino Press, 1948.**

Chadwick, **Samuel. "Micah."** ***The Expositor's Dictionary ofTexts.*** **Vol. I. Editado por W. Robertson Nicoll, Jane T. Stoddard e James Moffatt. Nova York: George H. Doran Company, s.d.**

Clarke, **Adam.** ***The Holy Bible with a Commentary and Criticai Notes.*** **Vol. IV. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.**

Clarke, **W. K. Lowther.** ***Concise Bible Commentary.*** **Nova York: Macmillan Company, 1954.**

Collins, **G. N. M. "Zechariah."** ***The New Bible Commentary.*** **Editado por Francis Davidson** ***et al.*** **Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1956.**

Davidson, **A. B. "Nahum, Habakkuk and Zephaniah."** ***The Cambridge Bible for Schools and Colleges.*** **Editado por J. J. S. Perowne. Cambridge: University Press, 1896.**

Deane, **W. J. "Hosea" (Exposition).** ***The Pulpit Commentary: Amos to Micah.*** **Editado por H.** D. **M. Spence e Joseph S. Exell. Nova York: Funk & Wagnalls Company, s.d.**

_. "Amos to Micah" (Exposition). ***The Pulpit Commentary: Amos to Micah.*** **Editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Nova York: Funk & Wagnalls Company, s.d.**

_. "Malachi." ***The Pulpit Commentary,*** **Vol. XTV. Editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1950 (reimpressão).**

Dentan, **Robert C. "Malachi" (Exegesis).** ***The Interpreter's Bible.*** **Vol. VI. Editado por George A. Buttrick** ***et at.*** **Nova York: Abingdon Press, 1956.**

Driver, **S. R. "The Minor Prophets."** ***The New Century Bible.*** **2 Volumes. Editado por Walter F. Adeney. Nova York: Oxford University Press, 1906.**

Eaton, **J. H.** ***Obadiah, Nahum, Habakkuk and Zephaniah.*** **Londres: SCM Press, 1961.**

Elliott, **Charles. "Hosea."** ***A Commentary on the Holy Scriptures: Criticai, Doctrinal and Homiletical.*** **Vol. XIV. Editado por J. P. Lange. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1874 (reimpressão).**

Exell, **Joseph S. (editor). "Hosea."** ***The Biblical Illustrator: The Minor Prophets.*** **Vol. I. Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.**

Fausset, **A. R.** ***A Commentary on the Old and New Testaments.*** **Vol. IV. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1948 (reimpressão).**

Fosbroke, **Hughell E. W. "Amos" (Exegesis).** ***The Interpreter's Bible.*** **Vol. VI. Editado por George A. Buttrick** ***et al.*** **Nova York: Abingdon Press, 1956.**

Fraser, **A. e Stephens-Hodge, L. E. H. "Micah."** ***The New Bible Commentary.*** **Editado por Francis Davidson** ***et al.*** **Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1953.**

Frederick, **P. W. H. "The Book of Amos."** ***Old Testament Commentary.*** **Editado por Herbert C. Alleman e Elmer E. Flack. Filadélfia: The Muhlenberg Press, 1948.**

Given, **J. J. "The Book of Hosea" (Exposition and Homiletics).** ***The Pulpit Commentary.*** **Editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Nova York: Funk & Wagnalls, s.d.**

Graham, **William C. "Nahum."** ***Abingdon Bible Commentary.*** **Editado por Frederick Carl Eiselen** ***et al.*** **Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929.**

_. "Zephaniah." ***Abingdon Bible Commentary.*** **Editado por Frederick Carl Eiselen** ***et al.***

Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929.

Haldor, **Alfred.** ***Studies in the Book of Nahum.*** **Uppsala: A. B. Lundequistreka Bokhandein, 1946.**

Haupt, **Paul.** ***The Book of Nahum.*** **Baltimore: Johns Hopkins Press, 1907.**

Henderson, **Ebenezer.** ***The Book ofthe Twelve Minor Prophets.*** **Nova York: Sheldon & Company, 1864.**

Henry, **Matthew.** ***Commentary on the Whole Bible.*** **6 Volumes. Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.**

Hicks, **R. Lansing. "The Twelve Minor Prophets".** ***The Oxford Annotated Bible: RSV.*** **Editado por Herbert G. May e Bruce M. Metzger. Nova York: Oxford University Press, 1962.**

Horine, **John W. "The Book of Hosea."** ***Old Testament Commentary.*** **Editado por Herbert C. Alleman e Elmer E. Flack. Filadélfia: The Muhlenberg Press, 1948.**

Hubbard, David A. "Habakkuk." ***The Biblical Expositor.*** **Vol. II. Editado por Carl F. H. Henry. Filadélfia: A. J. Holman Company, 1960.**

Jamieson, **Robert, FAUSSET, A. R., BROWN, David. A** ***Commentary: Criticai, Experimental and Practical.*** **Vol. I. Hartford: The S. S. Scranton Company, s.d.**

Jones, **Douglas Rawlinson. "Malachi".** ***Torch Bible Commentaries.*** **Editado por John Marsh e Alan Richardson. Londres: SCM Press, Limited, 1962.**

Keil, C. F., e DELITZSCH, Franz. "The Twelve Minor Prophets". ***Biblical Commentary on the Old Testament.*** **Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1954 (reimpressão).**

Knight, **George A. F. "Hosea."** ***Torch Bible Commentaries.*** **Editado por John Marsh e Alan Richardson. Londres: SCM Press, Limited, 1960.**

Langford, **Norman F. "Hosea" (Exegesis).** ***The Interpreter's Bible.*** **Vol. VI. Editado por George A. Buttrick** ***et al.*** **Nova York: Abingdon Press, 1956.**

Lehrman, **S. M. "Nahum."** ***The Twelve Prophets.*** **Editado por A. Cohen. Londres: The Soncino Press, 1948.**

_. "Zephaniah". ***The Twelve Prophets.*** **Editado por A. Cohen. Londres: The Soncino**

Press, 1948.

Logsden, **S. Franklin.** ***Hosea.*** **Chicago: Moody Press, 1959.**

Lowe, **W. H. "Minor Prophets".** ***Layman's Handy Commentary on the Bible.*** **Vol. III. Editado por Charles John Ellicott. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1961.**

Luck, **G. Coleman.** ***Zechariah.*** **Chicago: Moody Press, s.d.**

Maclaren, **Alexander.** ***Expositions of Scripture.*** **Vol. VI. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1944 (reimpressão).**

Maier, **Walter A.** ***The Book of Nahum.*** **St. Louis: Concordia Publishing House, 1959.**

McFadyen, **John E. "Habakkuk."** ***Abingdon Bible Commentary.*** **Editado por Frederick Carl Eiselen** ***et dl.*** **Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929.**

_. "Zechariah". ***Abingdon Bible Commentary.*** **Editado por David D. Downey. Nova York:**

Abingdon Press, 1929.

_. "Malachi". ***Abingdon Bible Commentary.*** **Editado por David D. Downey. Nova York:**

Abingdon Press, 1929.

Meyer, **F. B.** ***The Prophet ofHope.*** **Londres: Morgan & Scott, s.d.**

Morgan, **G. Campbell.** ***Hosea.*** **Londres: Marshall, Morgan & Scott, Limited, 1948.**

_. "Jonah". ***Biblical Illustrator.*** **Editado por J. S. Exell. Nova York: Fleming H. Revell, s.d.**

Perowne, **T. T. "Haggai, Zechariah and Malachi."** ***The Cambridge Bible for Schools and Colleges.*** **Editor geral J. J. S. Perowne. Cambridge: University Press, 1893.**

Pusey, **E. B.** ***The Minor Prophets.*** **Nova York: Funk & Wagnalls, 1886.**

Reynolds, **H.** R. **"Hosea."** ***Commentary on the Whole Bible.*** **Vol. V. Editado por Charles John Ellicott. Londres: Cassell & Company, 1897.**

Robinson, **D. W. B. "Jonah."** ***The New Bible Commentary.*** **Editado por Francis Davidson** ***et al.*** **Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1963.**

Smith, **George Adam. "The Book ofthe Twelve Prophets".** ***The Expositor's Bible.*** **2 Volumes. Editado por W. Robertson Nicoll. Nova York: George H. Doran Company, s.d.**

_. "The Book of the Twelve Prophets". ***The Expositor's Bible. 2*** **Volumes. Editado por W. Robertson Nicoll. Nova York: A. C. Armstrong *&* Son, 1896. _**

_. ***The Book ofthe Twelve Prophets.*** **Nova York: Harper & Brothers, 1928.**

Smith, **J. M. Powis. "Malachi".** ***The International Criticai Commentary.*** **Nova York: Charles Scribner's Sons, 1912.**

Snyder, **Edgar E. "The Book of Joel".** ***Old Testament Commentary.*** **Editado por Herbert C. Alleman & Elmer E. Flack. Filadélfia: The Muhlenberg Press, 1948.**

Taylor, **Charles L. Jr. "Habakkuk" (Exegesis).** ***The Interpreter's Bible.*** **Vol. VI. Editado por George A. Buttrick** ***et al.*** **Nova York: Abingdon Press, 1956.**

_. "Zephaniah" (Introduction and Exegesis). ***The Interpreters Bible.*** **Vol. VI. Editado por George A. Buttrick** ***et al.*** **Nova York: Abingdon Press, 1956.**

Thomas, **D. Winton. "Zechariah" (Exegesis).** ***The Interpreter's Bible.*** **Vol. VI. Editado por George A. Buttrick** ***et al.*** **Nova York: Abingdon Press, 1956.**

Thompson, **JohnA. "Joel" (Exegesis).** ***The Interpreter's Bible.*** **Vol. VI. Editado por George A. Buttrick** ***et at.*** **Nova York: Abingdon Press, 1956.**

Wolfe, **Rolland E. "Micah" (Exegesis).** ***The Interpreter's Bible.*** **Vol. VI. Editado por George A. Buttrick** ***et al.*** **Nova York: Abingdon Press, 1956.**

Wolfendale, **James. "Minor Prophets".** ***The Preacher's Homiletical Commentary.*** **Nova York: Funk & Wagnalls, 1892.**

II. OUTROS LIVROS

Anderson, **Bernard W.** ***Understanding the Old Testament.*** **Englewood, Nova Jersey:**

Prentice-Hall, Incorporated, 1957.

Archer, **Gleason L. Jr. A *Survey of Old Testament Introduction.* Chicago: Moody Press, 1964.**

Baab, **Otto J. *The Theology ofthe Old Testament.* Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1949.**

"Biblical Approach to the Doctrine of the Trinity, A". *Scottish Journal ofTheology.* Edição Ocasional n.e 1. Editores gerais T. F. Torrance eJ.KS. Reid. Edimburgo: Oliver & Boyd, Limited, 1953.

Brewer, **Julius A. *The Literature ofthe Old Testament.* Nova York: Columbia University Press, 1962.**

Buber, **Martin. *The Prophetic Faith.* Nova York: The Macmillan Company, 1949.**

Calkins, **Raymond. *The Modern Message ofthe Minor Prophets.* Nova York: Harper & Brothers, 1947.**

Cartledge, **Samuel A. *A Conservative Introduction to the Old Testament.* Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1943.**

Davis, **Leon J. *Bible Knowledge.* Editado por Henry Jacobsen. Wheaton, Illinois: Scripture Press, 1956.**

Dods, **Marcus. *The Post-Exilian Prophets.* Edimburgo: T. & T. Clark, 1881.**

Driver, **S. R. *An Introduction to the Literature ofthe Old Testament.* Nova York: Charles Scribner's Sons, 1891.**

Eiselen, **Frederick Carl. *Prophecy and the Prophets.* Nova York: The Methodist Book Concern, 1909.**

Farrar, **F. W. *The Minor Prophets.* Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.**

Gadd, **C. J. *The Fali ofNineveh.* Londres: Department of Egyptian and Assyrian Antiquities, British Museum, 1923.**

Gaebelein, **A. C. *The Prophet Joel.* Nova York: Publication Office, *Our Hope,* 1909.**

Henshaw, **T. *The Latter Prophets.* Londres: George Alien & Unwin, Limited, s.d.**

Kirkpatrick, **A. F.** ***The Doctrine ofthe Prophets.*** **Nova York: Macmillan Company, 1897.**

Knight, **George A.** ***F.AChristian Theology ofthe Old Testament.*** **Richmond, Virgínia: John Knox Press, 1959.**

Knudson, **Albert C.** ***The Beacon Lights of Prophecy.*** **Nova York: The Methodist Book Concern, 1914.**

Morgan, **G. Campbell.** ***The Analyzed Bible.*** **Nova York: Fleming H. Revell Company, 1908.**

_. ***An Exposition of the Whole Bible.*** **Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell**

Company, 1959.

Nygren, **Anders.** ***Agape and Eros.*** **Traduzido para o inglês por Phillip S. Watson. Filadélfia: The Westminster Press, 1953.**

Oehler, **Gustave F.** ***Theology ofthe Old Testament.*** **Traduzido para o inglês por George E. Day. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.**

Paterson, **John.** ***The Goodly Fellowship ofthe Prophets.*** **Nova York: Charles Scribner's Sons, 1948.**

Purkiser, **W. T.** ***et al. Exploring the Old Testament.*** **Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press, 1957.**

_. "Jonah". ***Aldersgate Biblical Series.*** **Editado por Donald Joy. Winona Lake, Indiana:**

Light & Life Press, 1963.

Robinson, **George L.** ***The Twelve Minor Prophets.*** **Nova York: George H. Doran & Company, 1926.**

Rosenberg, **Stuart E.** ***More Loves than One: The Bible Confronts Psychiatry.*** **Nova York: Thomas Nelson & Sons, 1963.**

Rowley, **H. H.** ***The Relevance of Apocalyptic.*** **Segunda Edição. Londres: Lutterworth Press, 1947.**

Sampey, **John A.** ***The Heart ofthe Old Testament.*** **Nashville: Broadman Press, 1922.**

Schultz, **S. J.** ***The Old Testament Speaks.*** **Nova York: Harper & Brothers, 1960.**

Sloan, **W. W. A** ***Survey ofthe Old Testament.*** **Nova York: Abingdon Press, 1957.**

Snaith, **Norman H.** ***The Distinctive Ideas ofthe Old Testament.*** **Filadélfia: Westminster Press, 1946.** Vriezen, **M. C.** ***An Outline ofOld Testament Theology.*** **Boston: Charles T. Bradford Company, 1958.**

Watts, **John D. W.** ***Vision and Prophecy in Amos.*** **Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1958.**

Welch, **Adam C.** ***Kings and Prophets of Israel.*** **Londres: Lutterworth Press, 1952.**

Yates, **Kyle M.** ***Preaching from the Prophets.*** **Nova York: Harper & Brothers, 1942.**

Yoder, **S. C.** ***He Gave Some Prophets.*** **Scottsdale, Pensilvânia: Herald Press, 1964.**

III. ARTIGOS

Davidson, **A. B. "Hosea".** ***Dictionary ofthe Bible.*** **Vol. II. Editado por James Hastings** ***et al.*** **Nova York: Charles Scribner & Sons, 1909.**

Gillett, **A. L. "Jonah".** ***New Standard Bible Dictionary.*** **Editado por M. W. Jacobus, E. C. Lane, A.**

C. Zenos e E. J. Cook. Nova York: Funk & Wagnalls Company, 1936.

Neil, **William. "Joel".** ***The Interpreter's Dictionary ofthe Bible.*** **Editado por George A. Buttrick** ***et al.*** **Nova York: Abingdon Press, 1962.**

Quell, **Gottfried e STAUFFER, Ethelbert. "Love".** ***Bible Keys Words.*** **Editado por Gerhard Kittel; Traduzido para o inglês e editado por J. R. Coates. Nova York: Harper & Brothers, 1951.**

Smart, **J. D. "Hosea".** ***The Interpreter's Dictionary ofthe Bible.*** **Editado por George A. Buttrick** ***et al.*** **Nova York: Abingdon Press, 1962.**

Wilson, **J. A. "Jonah."** ***Princeton Theological Review,*** **XXV (1927), p. 636.**

Young, Edward J. "Jonah." ***Christianity Today,*** **vol. III, n.[Q] 25 (28 de setembro de 1959), pp. 11,12.**

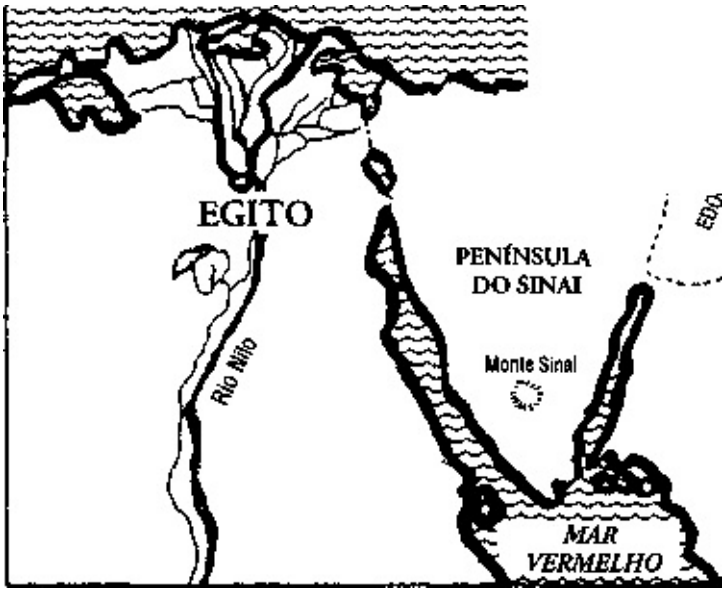
co

QC



• Bibfa

CANAA'

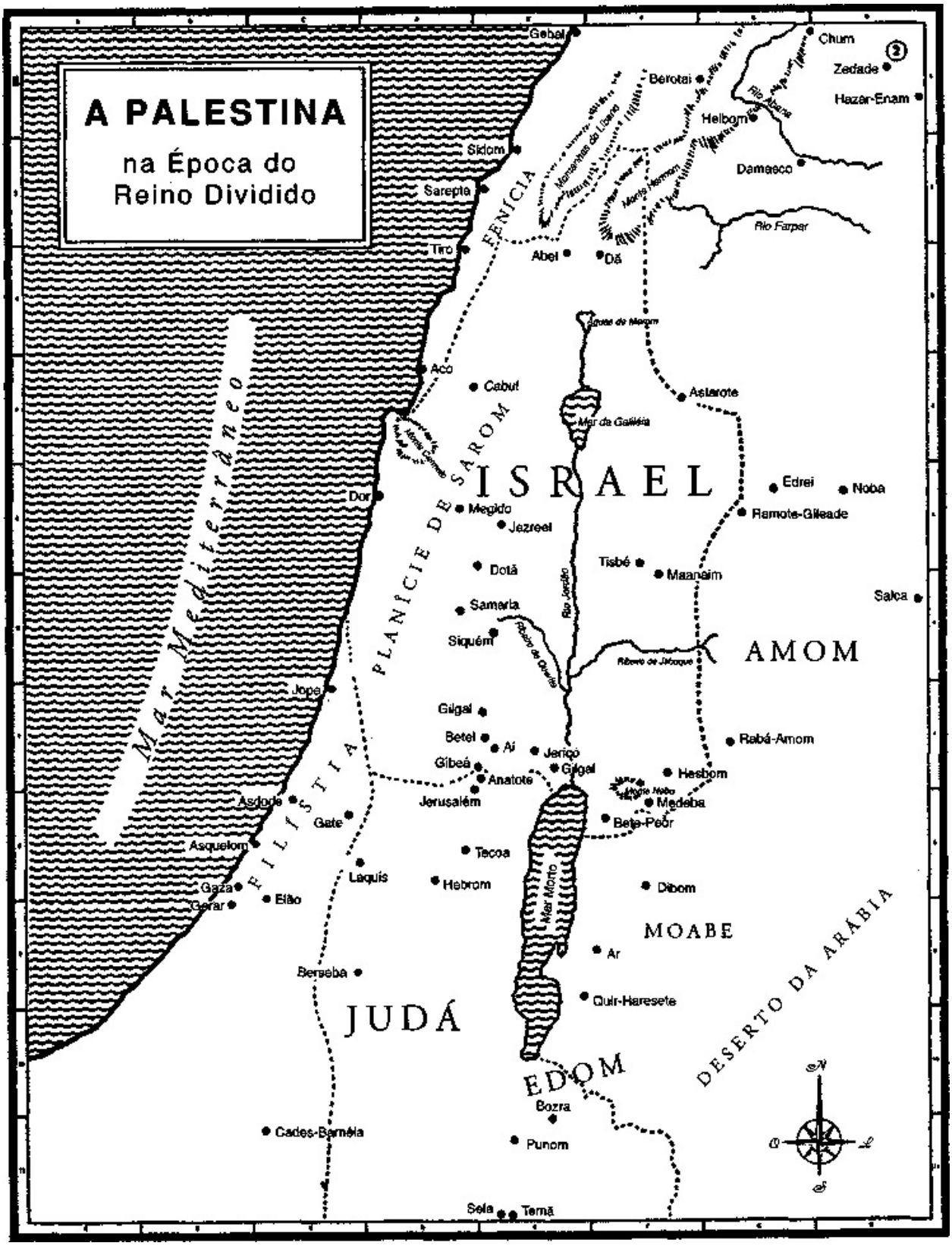


Damasco /



Mapa 1

Mapa 2



QUADRO DO PERÍODO DA MONARQUIA DE 1010 A 586 a.C.

DAVI (1010-971)

SALOMÃO (971-931)

DIVISÃO (931)

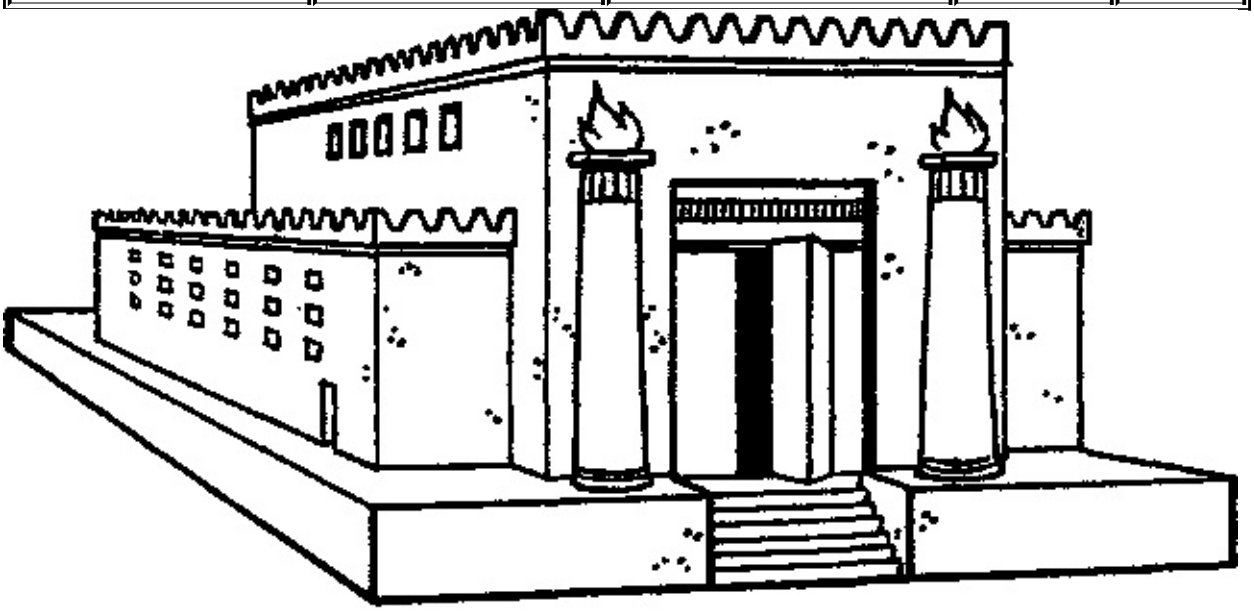
ISRAEL (Reino do Norte) **JUDÁ** (Reino do Sul)

Regentes	Co-regências	Regentes	Co-regências	
JEROBOÃO	931-910	ROBOÃO.....	.931-913	
NADABE.....	910-909	ABIAS.....	.913-911	
BAASA.....	909-886	ASA.....	.911-870	
ELA.....	886-885			
ZINRI.....	885			
TIBNI.....	885-880 885-880			
ONRI.....	885-874 885-880			

ACABE.....	874-853	JOSAFÁ	.870-848	873-870
ACAZIAS.....	853-852			
JEORÃO.....	852-841	JORÃO.....	.848-841	853-848
JEÚ.....	841-814	ACAZIAS.....	841	
JEOACAZ.....	814-798	ATÁLIA.....	.841-835	
		JOÁS.....	.835-796	
JEOÁS.....	798-782	AMAZIAS.....	.796-767	
JEROBOÃO II..	782-753 793-782	AZARIAS (Uzias)..	.767-740	791-767
ZACARIAS.....	753-752			
SALUM.....	752			
MANAÉM.....	752-742			

PECAÍAS.....	742-740			
PECA.....	740-732	JOTÃO.....	.740-732	750-740
OSÉIAS..... 732-733, 722		ACAZ.....	.732-716	
		EZEQUIAS.....	.716-687	729-716
		MANASSÉS.....	.687-642	696-687
		AMOM.....	.642-640	
		JOSIAS.....	.640-608	
		JOACAZ.....	608	
		JEOAQUIM.....	.608-597	
		JOAQUIM.....	597	

		ZEDEQUIAS.....	.597-586	



Reconstrução do Templo de Salomão (de Stevens-Wright):

|OQS2]BBI1SIÍIBOEO

Coluna de Boaz



Coluna de Jaquim

Planta Baixa do Templo ***(adaptada de Watzinger***)

605-561 Nabucodonosor na Babilônia 608-597 Jeoaquim, Rei de Judá (2 Reis23.34—24.6) Vassalo do Egito Vassalo da Babilônia

606 Primeiro Cativeiro - Daniel (2 Reis 24.1;

Daniel 1.1—2.6)

600 Rebelião contra a Babilônia

597 Joaquim, Rei de Judá (2 Reis24.8-17) Jerusalém Sitiada Segundo Cativeiro 10.000 Incluindo Joaquim e Ezequiel 597-586 Zedequias, Rei de Judá (2 Reis 24.18—25.21) 592-570 Profecias de Ezequiel

588 Revolta contra a Babilônia

586 Jerusalém é Destruída

Terceiro Cativeiro 585 Profecias de Obadias

555 Gedalias é Assassinado **(Jeremias 40—44)**

Jeremias vai para o Egito **(Jeremias 42—44)** 550-535 Profecias de Daniel

538 Queda da Babilônia **(Daniel 5)**

co

OO

ca

539-530 Ciro da Pérsia **(Is 44.26; 45:1; 2 Cr 36.22; Esdras 1.1) 537** Decreto do Retorno (Esdras 1.1-4)

536 Primeiro Retorno - Zorobabel (Esdras 1.4—2.67) O início da reconstrução (Esdras2.68—3.13) Os impecilhos dos samaritanos (Esdras 4.1-24) **522-486** Dario da Pérsia **(Esdras 4.24; 6.1; Ageu 1.1;**

Zacarias 1.1)

520 Ageu e Zacarias **(Esdras 5; Ageu; Zacarias)**

516 Reconstrução e Dedicação do Templo

(Esdras 6)

485-465 Assuero (Xerxes da Pérsia) **(Ester** 1.1) Ester e Mardoqueu **(Livro de Ester)**

458 Segundo Retorno - Esdras **(Esdras** 7-8) Reformas de Jerusalém **(Esdras** 9-10) **450-430** Profecias de Malaquias **444** Terceiro Retorno - Neemias **(Neemias 1.1—2.8)** Reconstrução do Muro (Neemias 2.9—6.19) Instrução na Lei (Neemias 8-10)

432 Neemias Volta a Jerusalém **(Neemias 13)**

A medida de reforma Período Intertestamentário

W

X!

H

s

o

W

H

H

O

Pd

O

Autores deste volume

CHESTER O. MULDER

Professor de Religião, Northwest Nazarene College, Nampa, Idaho. A.B., M.A., Pasadena College; B.D., Th.M., Berkeley Baptist Divinity School; doutorado pela Berkeley Baptist Divinity School e pela Pacific School of Religion.

R. CLYDE RIDALL

Professor-assistente de Teologia e Literatura Bíblica pela Olivet Nazarene College, Kankakee, Illinois. Th.B., God's Bible School; B.S. em Educação, University of Cincinnati; B.D., Asbury Theological Seminary; S.T.M., The Biblical Seminary em New York (N.Y.U.); M.A., Fordham University; Th.D., Concordia Theological Seminary. Graduado pelo Westminster Theological Seminary.

W. T. PURKISER

Editor de Herald of Holiness, Igreja do Nazareno e Professor associado de Bíblia Inglesa (part-time), Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Missouri, A.B., D.D., Pasadena College; M.A., Ph.D., University of Southern Califórnia.

HARVEY E. FINLEY

Professor de Antigo Testamento no Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Missouri. A.B., Oberlin College; B.D., McCormick Theological Seminary; Ph.D., The Johns Hopkins University. Estudos residents na The American School of Oriental Research em Jerusalém, Israel.

ROBERT L. SAWYER

Presidente da Divisão de Religião e Filosofia, Mid-America Nazarene College, Olathe, Kansas. A.B., Th.B., Eastern Nazarene College; Th.M., Th.D., Central Baptist Seminary, Kansas City, Kansas.

C. E. DEMARAY

Presidente, Divisão de Línguas e Literatura, Chefe do Departamento de Línguas Clássicas e Literatura Bíblica, Olivet Nazarene College, Kankakee, Illinois. A.B.,

M.A., Ph.D., University of Michigan.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Em Dez Volumes

Volume I. Gênesis; Êxodo; Levítico; Números; Deuteronômio

Volume II. Josué; Juizes; Rute; 1 e 2 Samuel; 1 e 2 Reis; 1 e 2 Crônicas; Esdras; Neemias; Ester Volume III. Jó; Salmos; Provérbios; Eclesiastes; Cantares de Salomão Volume IV. Isaías; Jeremias; Lamentações de Jeremias; Ezequiel; Daniel

Volume V. Oséias; Joel; Amós; Obadias; Jonas; Miquéias; Naum; Habacuque; Sofonias; Ageu; Zacarias; Malaquias

Volume VI. Mateus; Marcos; Lucas

Volume VII. João; Atos

Volume VIII. Romanos; 1 e 2 Coríntios

Volume IX. Gálatas; Efésios; Filipenses; Colossenses; 1 e 2 Tessalonicenses; 1 e 2 Timóteo; Tito; Filemom

Volume X. Hebreus; Tiago; 1 e 2 Pedro; 1, 2 e 3 João; Judas; Apocalipse

Comentário Bíblico

r i r⁴ \

0 *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Oscar F. Reed Armor D. Peisker H. Ray Dunning William M. Grealhouse

Oséias a Malaquias

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante

e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

ISBN 85-263-0689-8 9788526 306899